OPINIÃO SOCIALISTA

O Jornal do PSTU
Ano IX - Edição 183
Semana de 22 a 28/7/2004
Contribuição: R$ 2,00

É HORA DE ROMPER COM A CUT

SUPLEMENTO ESPECIAL

Direto de La Paz

A FARSA DO REFERENDO NA BOLÍVIA

PÁGS. 10 E 11

LULA QUER ENTREGAR O PETRÓLEO

Leilão dos Poços de Petróleo está marcado para agosto

PÁGS. 4 E5

JUSTIÇA *O plano de saúde do Estado de São Paulo e 12 planos particulares deverão incluir o parceiro homossexual como dependente. A decisão abrangerá todo o país, em 60 dias.*

PÁGINA DOIS

MADE IN *De 1995 até hoje, foram resgatados 11.969 trabalhadores rurais em regime de escravidão em empresas agrícolas voltadas para a exportação, as meninas dos olhos de Lula.*

BARBÁRIE

O prefeito da cidade de Goiás, a 141 km de Goiânia, é investigado pela CPI que investiga casos de abuso sexual contra crianças e adolescentes. Boadyr Veloso chegou a ser condenado pelo estupro de sete garotas, mas livrou-se graças a uma incrível "coincidência". Todas as sete se casaram, sendo que seis no mesmo mês. Como o Código Penal prevê que a punição por abuso sexual pode ser anulada se a vítima se casar, o prefeito recorreu e conseguiu suspender sua prisão. A falcatrua foi noticiada na capa do Wall Street Journal e uma das garotas admitiu ter recebido R$ 1 mil para se casar.

GEOGRAFIA

Já virou piada o limitado conhecimento de geografia dos norte-americanos. Antes da invasão ao Iraque, a maioria dos jovens não sabia identificar Bagdá no mapa e um terço não sabia onde ficava Washington. Mas pelo menos alguns devem ter notado a gafe do presidente Lula, em reunião com 600 empresários em Nova York, no início do mês.

Lula declarou que o Brasil só não tem fronteiras com três países sul-americanos: Chile, Equador e Bolívia. Como se sabe, a Bolívia faz fronteira com quatro estados brasileiros, em uma área de 3.423 km. A imprensa, da qual Lula tem reclamado constantemente, fingiu que não ouviu o furo de Lula, às vésperas do plebiscito sobre o gás.

REPRODUÇÃO

PÉROLA

"O Brasil esteve e está ativo na negociação sobre a Alca"

MARCO AURÉLIO GARCIA, assessor especial da Presidência da República. (O Globo)

MAUS LENÇÓIS

Lula não recebeu, em sua visita a Campinas (SP), na semana passada, a viúva do prefeito Toninho, do PT, assassinado em 2001. Ela e a ONG "Quem matou Toninho?" distribuíram 10 mil exemplares de uma Carta Aberta exigindo a reabertura do caso. Segundo a polícia, Toninho teria sido morto "por acaso", pois seu carro estaria "atrapalhando" um assalto.

CHARGE / *GILMAR*

ENGODO

César Maia (PFL), prefeito do Rio de Janeiro, deu seu apoio ao candidato a prefeito de Niterói (RJ), Godofredo Pinto (PT). Usando um boné com o nome do petista, admitiu, inclusive, que subirá em seu palanque. Segundo ele: "Nos municípios a questão ideológica tem uma importância muito menor". Godofredo deve concordar, pois seu lema é "Ele faz. Ele é do bem". O PT e o PFL também estão unidos em Nova Iguaçu (RJ) em torno da candidatura de Lindberg Farias (PT), cujo vice é Itamar Serpa, do PSDB.

EXPEDIENTE

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64
Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua Humaitá, 476
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01321-010
e-mail: *opiniao@pstu.org.br*
Fax: (11) 3105-6316

EDITOR
Eduardo Almeida Neto

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mariúcha Fontana (MTb14555)

CONSELHO EDITORIAL
Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates 'Mancha', Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary

REDAÇÃO
André Valuche, Cecília Toledo, Cláudia Costa, Diego Cruz, Fausto Barreira Filho, Gustavo Sixel, Jeferson Choma, Wilson H. Silva, Yara Fernandes, Yuri Fujita

PROJETO GRÁFICO
Gustavo Sixel

DIAGRAMAÇÃO
Gustavo Sixel e Mônica Biasi

FOTO CAPA
Montagem sobre fotos de Diego Cruz

IMPRESSÃO
Gráfica Lance
(11) 3856-1356

ASSINATURAS
assinaturas@pstu.org.br
www.pstu.org.br/assinaturas
(11) 3105-6316

PALAVRAS CRUZADAS

POR JULIANA OLIVEIRA

Estas palavras cruzadas são especiais, em homenagem aos 50 anos do Rock'n Roll. A mídia tem dito que o rock surgiu com o álbum *That's All Right Mama*, de Elvis Presley. Sabemos que o rock é anterior, mas não podíamos deixar de homenageá-lo nesta ocasião.

1. *Banda que tinha Fernanda Abreu como uma de suas back vocals.* **2.** *(...) Boys: parte do fenômeno da Jovem Guarda.* **3.** *Como ficou conhecido o jovem poeta e músico Agenor de Miranda Araújo Neto.* **4.** *Banda do guitarrista Angus Young.* **5.** *"Rock'n Roll all nite" é uma de suas músicas mais famosas.* **6.** *(...) de Vênus: banda baiana.* **7.** *(?) Seixas.* **8.** *Banda que fez sucesso com a música "Let it be".* **9.** *Banda de Brasília que se tornou um fenômeno do rock brasileiro: Legião (...).* **10.** *Banda paulista que, em 1985, lançou o disco "mudança de comportamento".* **11.** *Fizeram parte do movimento tropicalista, no final dos anos 60. Em 1970, lançaram o disco "A divina comédia ou ando desligado".* **12.** *Banda inglesa formada em 1961. Apresentou-se em Woodstock, com a "ópera" Tommy.*

Veja na vertical a banda pioneira do heavy metal

RESPOSTAS DA EDIÇÃO ANTERIOR

1 – Araguaia. 2 – Severina. 3 – Suplicy. 4 – Beatles. 5 – Laranja. 6 – Vermelha. 7 – Watergate. 8 – Rock. 9 – Mísseis. 10 – Camilo.

CARTAS

No governo Lula, as passagens de ônibus aumentaram, não foi criado nenhuma escola técnica na Ilha do Governador e o desemprego é imenso. O dinheiro que o Lula arrecadou com o PIB já poderia investir no aumento do mínimo, daria para o Lula criar uma faculdade federal na Ilha do Governador e colocar os programas sociais em ação. O Brasil precisa de educação para crescer. O que adianta o Lula criar a revitalização da Indústria Naval se muitos não fizeram escola técnica e não têm conhecimento para trabalhar. Quando tiver um protesto, me chamem.
Jorge Torres, do Rio de Janeiro (RJ), por e-mail

Venho registrar o meu elogio ao jornal Opinião. Já tinha ouvido falar sobre este veículo, mas nunca havia lido. Nos últimos meses, tenho acessado a página do partido e lido com muita atenção. Gostei muito do conteúdo, do novo planejamento gráfico e quero, novamente, parabenizar pela proposta. Acho que nós jornalistas devemos conhecer, também, a mídia partidária. Ficar somente se baseando na grande imprensa, muitas vezes, não é um bom caminho. Um abraço,
Ivan Zaneski Lopes, de São Paulo (SP), por e-mail

Visite e indique a nova área em espanhol do site do PSTU, com a tradução dos principais artigos e editoriais do Opinião Socialista e a apresentação do partido.

WWW.PSTU.ORG.BR/ESPANOL

SEDE NACIONAL

Rua Humaitá, 476
Bela Vista - São Paulo (SP)
CEP 01321-010
(11) 3105.6316

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br

ALAGOAS
MACEIÓ -R. Pedro Paulino 258 Poço (82)336.7798 maceio@pstu.org.br

AMAPÁ
MACAPÁ - Av. José Antônio Siqueira, 941, Laguinho (96) 9965-0612 macapa@pstu.org.br

AMAZONAS
MANAUS - R. Luiz Antony, 823 - Centro (92)234.7093 manaus@pstu.org.br

BAHIA
SALVADOR - R.Fonte do Gravatá, 36 - Nazaré (71)321.3632 salvador@pstu.org.br

CEARÁ
FORTALEZA - CENTRO -Av. Carapinima, 1700 - Benfica fortaleza@pstu.org.br

DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA - Setor Comercial Sul - Qd. 2 - Ed. Jockey Club - Sala 102 brasilia@pstu.org.br

ESPÍRITO SANTO
VITÓRIA - vitoria@pstu.org.br

GOIÁS
GOIÂNIA - R. 242, Nº 638, Qda. 40, LT 11, Setor Leste Universitário - (62)261-8240 goiania@pstu.org.br

MARANHÃO
SÃO LUÍS - R. dos Afogados, 169 sl 8 Centro (98)258-0550 saoluis@pstu.org.br

MATO GROSSO
CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165 Jd. Leblon (65)9956.2942

MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 3840144 campogrande@pstu.org.br

MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE bh@pstu.org.br
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31)3201.0736
CENTRO - FLORESTA
Av. Paraná 191, 2º andar - Centro
BARREIRO -Av. Olinto Meireles, 2196 sala 5 Pça Via do Minério

PARÁ
BELÉM - Av. Gentil Bittencourt, 2089 - (91)259.1485 belem@pstu.org.br

PARAÍBA
JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391 -1º andar - Centro (83)241-2368 - joaopessoa@pstu.org.br

PARANÁ
CURITIBA - R. Alfredo Buffren, 29/4 - (41) 233-3485

PERNAMBUCO
RECIFE -Rua Leão Coroado, 20/1º andar, Boa Vista (81)3222.2549 recife@pstu.org.br

PIAUÍ
TERESINA - R. Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO - PRAÇA DA BANDEIRA - Tv. Dr. Araújo, 45 - (21)2293.9689 rio@pstu.org.br

RIO GRANDE DO NORTE
NATAL - CIDADE ALTA - R. Dr. Heitor Carrilho, 70 (84) 201.1558

RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE - Rua General Portinho, 243 (51) 3286.3607 portoalegre@pstu.org.br

SANTA CATARINA
FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 104 Centro (48)225.6831 floripa@pstu.org.br

SÃO PAULO
SÃO PAULO saopaulo@pstu.org.br
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11)3313.5604

SERGIPE
ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 251-3530 aracaju@pstu.org.br

Veja o endereço de outras sedes em nosso site: www.pstu.org.br/sedes

EDITORIAL

ROMPER COM A CUT E CONSTRUIR NOVA DIREÇÃO

Para qualquer luta é necessário que haja organização. Todo ativista que já participou de uma mobilização, desde um ato ou uma greve, sabe da importância da organização para enfrentar a patronal. Mas existe um enorme problema quando a direção da organização que deveria servir à luta passa para o campo inimigo. Essa organização passa a ser exatamente o oposto: uma arma poderosa dos patrões contra os trabalhadores, que desorganiza e enfraquece cada uma das lutas, para ajudar o domínio da burguesia. É muito difícil qualquer vitória de uma categoria, quando seu sindicato está nas mãos de pelegos.

Essa é a história da CUT, que nasceu como expressão das grandes greves do final dos anos 70 e dos 80, tornando-se a mais forte Central Sindical do país. Depois de 20 anos de democracia burguesa, adaptada aos acordos com a patronal, a CUT deixou de ser o que era, e passou a ser um fator de estabilidade do regime democrático-burguês, bloqueando as lutas mais importantes, completamente dependente das verbas do Estado. Com o governo Lula deu um novo salto para trás, passando a ser uma central chapa branca, um braço do governo no movimento sindical.

Como os funcionários públicos podem organizar uma luta contra o governo através da CUT? A direção da CUT apóia e é parte do governo. É como convidar um representante da Fenaban (a federação dos banqueiros) para ajudar a organizar uma greve de bancários. E isso não é um problema só do funcionalismo. Como ao governo Lula não interessa nenhuma mobilização dos trabalhadores, a CUT chapa branca atua como pelega e fura greves em todo o país.

COMEÇOU A RUPTURA

Felizmente, a ruptura que as massas começaram a fazer com o governo Lula, evidente em qualquer pesquisa, está se estendendo também à CUT. Os trabalhadores dos setores organizados sindicalmente olham cada vez com mais desconfiança para a Central. Vários sindicatos já romperam com a Central. A Federação Democrática dos Metalúrgicos de Minas e sindicatos de outros estados fizeram um chamado para que se discuta a ruptura nas bases em todo o país. Não se trata dos trabalhadores romperem com seus sindicatos e construírem outros, mas de ganhar os sindicatos para que eles rompam com a CUT.

É hora de discutir na base essa ruptura com a CUT e a construção de uma alternativa. Não se constrói o novo sem romper com o velho. Os trabalhadores do país já deram um exemplo de força ao romper com o velho peleguismo e formar a CUT, quando os pelegos se chocaram com o desejo de mudança expresso nas greves daquela época.

CUT: um braço do governo no movimento sindical

Perante a traição do governo Lula e sua Central chapa branca chegou a hora de romper com a CUT.

A Conlutas, agrupando sindicatos que já estão fora da CUT e sindicatos cutistas, começou a se formar este ano. Teve um êxito espetacular em Brasília, com o ato de 20 mil pessoas contra o governo. Neste momento precisa se estruturar e se fortalecer para se construir enquanto nova direção para o movimento sindical do país.

FALA ZÉ MARIA

Atos da CUT não escondem governismo

José Maria de Almeida, o Zé Maria, é Presidente Nacional do PSTU e membro da Executiva Nacional da CUT

O dia 16 foi uma resposta da CUT à crescente insatisfação popular contra o governo do PT que também respinga na central governista

A CUT, no último dia 16, junto com a Coordenação dos Movimentos Sociais (CMS), promoveu uma manifestação nacional pedindo mudanças na política econômica implementada pelo governo Lula.

As manifestações demonstraram mais uma vez que a CUT continua fazendo apenas críticas pontuais, entretanto, defende e torce para que esse governo dê certo. Nas palavras de Luiz Marinho, presidente da Central: "Nós não estamos descontentes com o governo, mas achamos que dá para fazer muito mais, do ponto de vista do crescimento, do que está sendo realizado".

Não é possível separar a política econômica de quem a aplica. O próprio Lula já assegurou que não pretende mudar sua a política econômica. Pelo contrário, os setores do governo que vêm ganhando mais força, prestígio e destaque são justamente aqueles ligados à área econômica. Ou seja, não é possível derrotar essa política econômica sem derrotar o governo.

As manifestações do dia 16 de julho foram uma resposta da CUT à crescente frustração e insatisfação popular contra o governo que também respingam e desgastam a central governista. A Central se viu obrigada a fazer os atos para se adequar a essa realidade e não perder espaço político.

Mesmo assim, os atos do dia 16 foram um verdadeiro fiasco. Para uma Central que se orgulha de possuir mais de 3 mil sindicatos associados e de ter uma estrutura enorme, reunir 10 mil pessoas em atos regionais, que não precisam de nenhum grande operativo de infra-estrutura, é muito pouco.

CUT CONTRA AS LUTAS

Toda greve, mobilização ou campanha organizada por qualquer categoria sofrerá uma enorme pressão da CUT para desmontá-la. Foi assim com a greve dos servidores públicos federais. Agora, na campanha salarial dos petroleiros e bancários, a CUT tentará repetir a traição.

Nós, do PSTU, participamos dos atos convocados pela CUT porque somos contra a política econômica do governo Lula. Estivemos presentes com nossas faixas, panfletos e bandeiras criticando o governo e seus acordos com o FMI.

Estivemos com a Conlutas organizando e preparando a vitoriosa marcha a Brasília do dia 16 de junho. Ao contrário dos atos da CUT, essa marcha foi contra o governo e precisou de um heróico esforço dos sindicatos (até porque é muito mais difícil organizar um ato em Brasília) que conformam a Conlutas para garantir sua realização. Felizmente, fomos vitoriosos, colocando cerca de 20 mil pessoas em Brasília, provando que é possível construir uma oposição de esquerda ao governo .

Essas duas manifestações expressam duas vertentes: uma que defende o governo Lula, desarmando as lutas dos trabalhadores; outra que apóia a luta de todos os trabalhadores contra os ataques do governo.

Há muito tempo já escolhemos o nosso lado.

LULA QUER ENTREGAR METADE DAS RESERVAS DE PETRÓLEO DO PAÍS

LEILÃO MARCADO para agosto pode entregar reservas às multinacionais

***JEFERSON CHOMA**, da redação*

A política entreguista do governo Lula não tem limites. Desta vez, o presidente anunciou a realização da sexta rodada de licitações das áreas de exploração e produção de petróleo e gás natural, que ocorrerá nos dias 17 e 18 de agosto. Trata-se de um leilão que pretende entregar as melhores áreas de extrações petrolíferas do país ao capital estrangeiro. Segundo a Agência Nacional do Petróleo (ANP), promotora da licitação, o pacote a ser leiloado é formado por 913 blocos – chamados "blocos azuis" – distribuídos em 12 bacias sedimentares que totalizam 202.739 km². Conforme denunciou o jornalista César Benjamin, estudos da Petrobras apontam que nessas áreas existem 6,6 bilhões de barris de petróleo a serem explorados, o que corresponde à metade das reservas nacionais (comprovadas). Qualquer empresa que explore essas áreas terá lucro garantido sem nenhum risco, porque o petróleo já foi descoberto. Além disso, pelas regras impostas, o petróleo extraído só poderá ser destinado à exportação para abastecer o mercado mundial.

ANA NASCIMENTO

Sebastião Rego, diretor da ANP

O PT, que no passado criticava a quebra do monopólio estatal da exploração do petróleo, hoje atua da mesma forma que FHC, entregando a vorazes multinacionais a soberania nacional. Em 1997, Fernando Henrique aprovou a lei nº 9.478, conhecida como a Lei do Petróleo, permitindo a concessão às empresas privadas da exploração do petróleo e do gás natural. Também criou a Agência Nacional do Petróleo, órgão regulador que se limita a gerenciar os leilões que estão entregando as riquezas do subsolo brasileiro. Agora, o governo petista além de autorizar a realização da sexta rodada também libera novas licitações para o futuro. Conforme a Resolução nº 8 do Conselho Nacional de Política Energética, assinada pela ministra das Minas e Energia, Dilma Roussef, é recomendada a continuação dos leilões, sob o argumento absurdo de "incrementar" as reservas do país.

A AUTO-SUFICIÊNCIA VAI PARA O POÇO

O mais insano de tudo isso é que o Brasil se encontra às portas de atingir a autonomia na produção de petróleo. Hoje, o país produz 90% do petróleo que consome, mas, segundo geólogos, cientistas e engenheiros, a auto-suficiência pode ser alcançada em 2006.

> **LULA, através da ANP, impede a realização de nossa auto-suficiência, entregando o ouro para o bandido**

Com as reservas estimadas em 16 bilhões de barris, essa autonomia pode ser garantida ainda pelos próximos 18 anos, ou seja, o Brasil estaria livre das importações de petróleo e, portanto, das pressões dos cartéis das multinacionais. Assim, teríamos combustível mais barato, estabelecendo preços muito inferiores aos fixados internacionalmente.

Claro que tudo isso depende de uma política para o setor que garanta a nossa soberania. Lula, através da ANP, impede a realização de nossa auto-suficiência, entregando o ouro para o bandido.

ENTREGA DO PETRÓLEO É PARA FAZER SUPERÁVIT

O objetivo do governo é o mesmo que limita os gastos em Saúde, em Educação e na reforma agrária. O governo Lula está entregando as reservas de petróleo do país para garantir o superávit exigido pelo FMI. Está fazendo algo tão ou mais grave que a privatização das estatais de FHC, para pagar mais aos banqueiros. Segundo o próprio diretor financeiro da empresa, hoje estão disponíveis quase US$ 10 bilhões para garantir as metas de superávit fiscal. Com os trocados arrecadados pelo leilão, o governo pretende aumentar ainda mais esse caixa. Tudo isso para garantir a tranqüilidade dos investidores internacionais, asseguram, com doçura e subserviência, Lula e seus ministros.

Criação da Petrobras instituiu o monopólio estatal do petróleo

Durante o governo do presidente Eurico Gaspar Dutra (1946-1950), houve um intenso debate sobre a exploração do petróleo em terras brasileiras. De um lado, estavam os setores chamados entreguistas, apoiados por Dutra e com forte representação na grande imprensa e nas organizações patronais que defendiam a total abertura do país ao capital estrangeiro. Esses setores argumentavam que o país não tinha dinheiro e nem tecnologia para a exploração de petróleo. Defendendo o oposto, estavam os setores nacionalistas e da esquerda da época, que defendiam o monopólio estatal do petróleo e a criação da tecnologia necessária para tal, através de investimentos do Estado. Em meio a esse debate, grandes mobilizações de massa tomaram conta do país. Milhares de pessoas foram às ruas com o lema: *"O petróleo é nosso"* para exigir a implementação do monopólio estatal no setor. Em 1953, durante o governo de Getúlio Vargas, foi criada a Petrobras, garantindo o monopólio da extração de petróleo no Brasil.

A Petrobras tornou-se uma das maiores empresas do setor, criando um corpo técnico capacitado e desenvolvendo pesquisas científicas para a indústria nacional. Hoje, o Brasil detém a mais avançada tecnologia do mundo na extração de petróleo em águas profundas, o que, por si só, já desmente a ideologia tão difundida da "ineficiência das estatais".

No ano 1997, além de ter aprovado a quebra do monopólio estatal, FHC reduziu drasticamente os investimentos e colocou em marcha um plano de desmonte da empresa. Dos 5 mil fornecedores criados pela empresa, 4.995 desapareceram depois de FHC ter aprovado a incorporação das fornecedoras multinacionais. O sucateamento da Petrobras também causou grandes tragédias como o afundamento da plataforma P-36 e desastres ambientais, como os vazamentos de óleo no Paraná, em 2000, e na baía de Guanabara, em 2001.

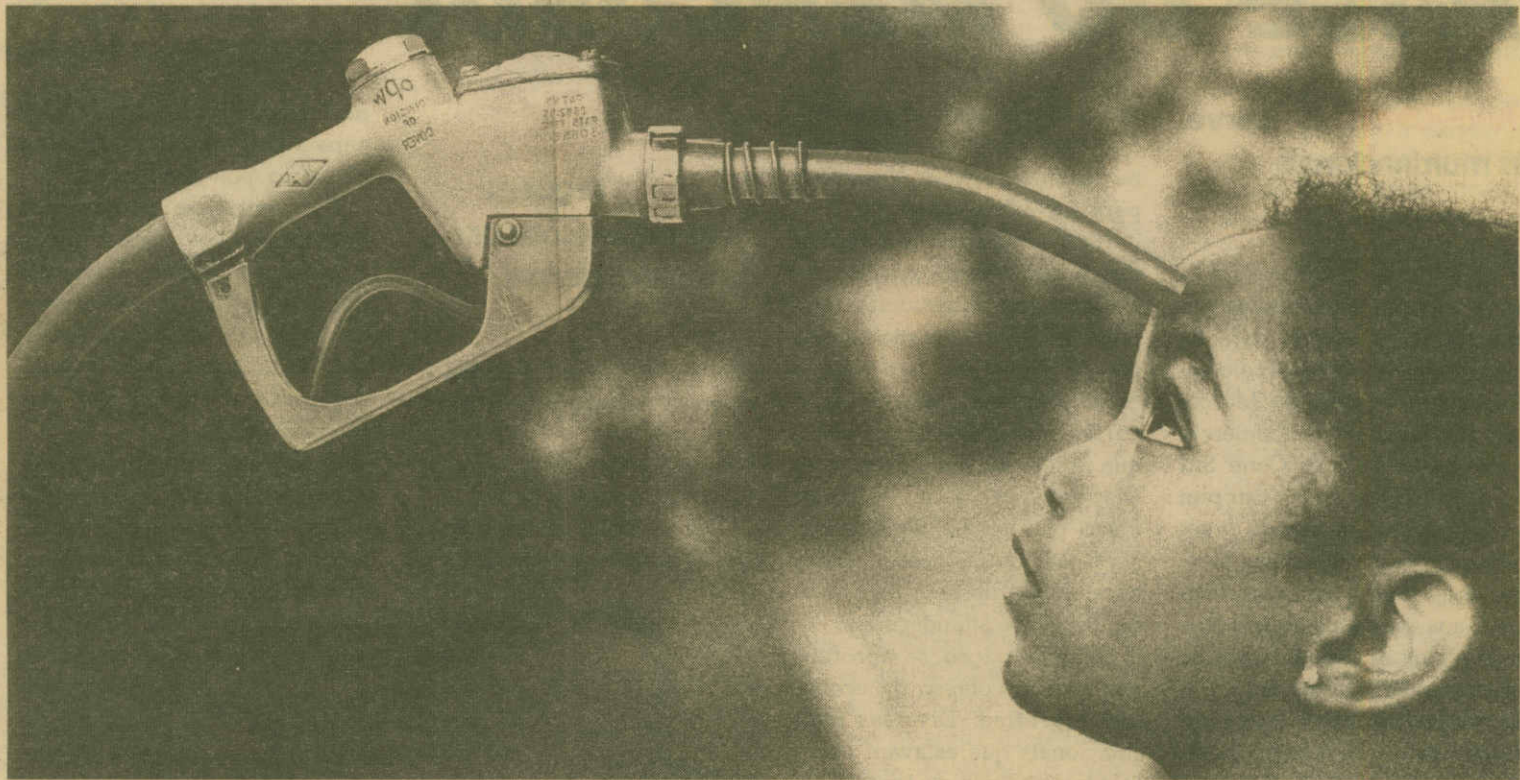
CPDOC / FGV

Primeiro poço de petróleo no Brasil – Lobato (BA)

O OURO NEGRO ESTÁ SE ESGOTANDO NO MUNDO

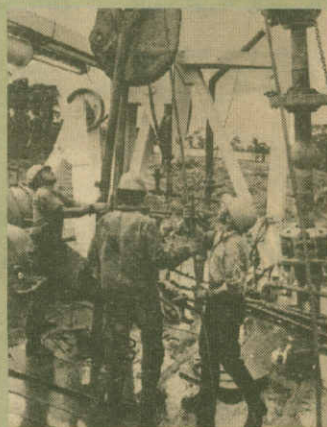
GRANDES EMPRESAS de petróleo superestimaram suas reservas

***JEFERSON CHOMA**, da redação*

A política entreguista do governo assume contornos dramáticos diante do cenário mundial. Como se sabe, o petróleo não é um recurso renovável e as reservas disponíveis no planeta irão se esgotar um dia. Estudos divulgados pela *British Petroleum* e pela Agência Internacional do Petróleo revelam que esse dia está mais próximo do que se esperava. Segundo suas análises, o mundo tem pela frente petróleo suficiente para os próximos 41 anos e o pico da produção pode ser atingido entre 2010 e 2015, quando se iniciará o declínio inevitável do seu fornecimento. Some-se a isso a divulgação dos recentes escândalos envolvendo grandes empresas de petróleo, como a *Shell*, a *El Paso* e a mexicana *Pemex*, que revelaram ter superestimado suas reservas entre 25% e 33% para valorizarem suas ações nas Bolsas de Valores. Países que são grandes produtores de petróleo também jogaram os números para cima. Arábia Saudita, México e Emirados Árabes declararam possuir entre 20% e 40% a mais do que na verdade têm.

Por outro lado, o aumento do consumo de petróleo no mundo já assumiu uma tendência inexorável: cresceu 11% em 2003 e mais 13% em 2004. Analistas informam que o ritmo da demanda mundial projetaria um consumo em 2020 50% superior ao de hoje. Com isso, o preço do petróleo continuará subindo. Especula-se que o preço do barril poderá chegar a 100 dólares nos próximos 10 anos. Mesmo sabendo de tudo isso, o governo Lula vai manter o leilão das áreas petrolíferas. Como declarou ao ***Opinião Socialista*** o presidente da Associação dos Engenheiros da Petrobrás (AEPET), Heitor Manoel Pereira: *"Em face da conjuntura mundial e da iminência do terceiro choque do petróleo a sexta rodada de licitações das áreas petrolíferas é um crime de lesa-pátria"*.

Precarização das relações de trabalho

A maior parte dos trabalhadores da Petrobras exerce suas funções em condições precárias. Hoje, segundo a Associação dos Engenheiros da Petrobras, aproximadamente 120 mil funcionários da empresa são terceirizados, contra 40 mil concursados. Com a terceirização, foram abandonados os direitos trabalhistas, aumentaram os acidentes de trabalho e os salários pagos a esses trabalhadores embutem a total desvalorização salarial do setor. Além disso, há falta de investimentos em segurança, saúde e manutenção dos equipamentos; indenizações por acidentes de trabalho não são pagas e a empresa mascara as metas de jornadas excessivas que muitos trabalhadores terceirizados são obrigados a cumprir devido à redução de mão-de-obra.

Tudo isso aconteceu porque FHC conseguiu aprovar parte da reforma Trabalhista, que promoveu a precarização nas relações de trabalho. Por isso, o combate à terceirização deve ser uma prioridade combinada com a luta contra a reforma Trabalhista do governo Lula. "Devemos exigir a ampliação dos direitos trabalhistas aos trabalhadores terceirizados 'Trabalho igual, direito igual'. Contra a terceirização é necessário defender a 'primeirização', ou seja, a absorção dos terceirizados na empresa", *defende o dirigente da Federação Única dos Petroleiros William Corbo.*

É necessário defender a soberania nacional

A luta contra a 6ª rodada de licitações dos campos de petróleo está diretamente ligada à defesa da soberania nacional e à luta contra os interesses colonizadores na América Latina vindos dos países ricos. Devemos comprometer toda a população nessa luta, distribuir panfletos, adesivos e fazer inserções na mídia; precisamos organizar a população e os trabalhadores para impedirmos essa ação entreguista do governo Lula. A Petrobras já foi uma grande empresa, no entanto, os sucessivos ataques dos governos e a quebra do monopólio da exploração do petróleo ameaçam sua própria existência como patrimônio do povo. Por isso, devemos defender a reestatização do setor de petróleo, começando por uma campanha para incorporar as subsidiárias e as refinarias de Manguinhos, Ipiranga, Refap, além da Transpetro e de seus trabalhadores, à Petrobras. Vamos exigir o fim da ANP, que serve diretamente aos interesses do capital estrangeiro, e a revogação imediata da Lei do Petróleo, restabelecendo o monopólio estatal de exploração do petróleo.

FOTO SAMUEL TOSTA

Petroleiros em assembléia na frente da sede da empresa no Rio

Na próxima campanha salarial dos petroleiros, é necessário assumir também essa bandeira política. Como afirma William Corbo: "Se, no X Congresso da Federação Única dos Petroleiros (Confup) os governistas não aprovaram um calendário de lutas contra o leilão, temos de assumir desde já em nossa campanha salarial essa luta".

Isso significa unificar as ações de cada base regional em um único calendário, conhecido por todos os trabalhadores, com reivindicações claras e discutidas pelas bases que inclua desde a Participação nos Lucros e Resultados (PLR) e a reposição das perdas salariais, até a defesa da anulação dos leilões das reservas.

QUANTO CUSTA A DEMOCRACIA DOS RICOS?

AS ELEIÇÕES BURGUESAS são um verdadeiro jogo de faz-de-conta. Ricos e poderosos definem as regras, controlam os meios de comunicação e financiam as campanhas da maioria absoluta dos partidos e candidatos

JEFERSON CHOMA,
da redação

A maior prova que o processo eleitoral é um jogo de cartas marcadas são as milionárias campanhas eleitorais financiadas pela burguesia. Em todas as eleições, bilhões são investidos em marqueteiros e superproduções de TV, para tentar iludir o povo com promessas mirabolantes. São valores astronômicos que causam um choque ao serem comparados com o miserável padrão de vida da população brasileira.

O regime existente nos EUA é colocado como modelo para a democracia em todo o mundo. E realmente é um modelo, mas para a burguesia. Lá os custos da campanha dos partidos Democrata e Republicano já ultrapassaram US$ 1 bilhão. Isso acontece porque cerca de 527 milionários empresários americanos interessados em influenciar o resultado da eleição estão encaminhando milhões de dólares para as campanhas de Bush ou de Kerry.

Aqui no Brasil, a atual campanha eleitoral deverá ser a mais cara da história. A projeção dos gastos de campanha do PT, do PFL e do PSDB em nove capitais soma mais de R$ 100 milhões.

A campanha mais cara será a do PT, que declarou, oficialmente, que vai gastar R$ 53,3 milhões nas eleições a prefeito de oito capitais. Este valor é mais do que o dobro gasto na campanha presidencial de Lula, em 2002, declarado a Justiça Eleitoral em R$ 21 milhões.

O PFL, por sua vez, espera gastar R$ 29,63 milhões somente em sete capitais onde disputa as eleições. Já o PSDB estima que o custo de sua campanha em quatro capitais chegará a R$ 24 milhões.

O REGIME EXISTENTE nos EUA é colocado como "modelo" de democracia, mas favorece somente à burguesia

Em São Paulo, os candidatos José Serra (PSDB), Marta Suplicy (PT), Luiza Erundina (PSB/PMDB) prevêem gastar R$ 15 milhões cada um. No Rio de Janeiro a campanha mais cara será de Luiz Paulo Conde (PMDB), orçada em R$ 8,3 milhões. César Maia (PFL) e Jorge Bittar (PT) projetaram o gasto de R$ 7 milhões cada um. Já a candidata do PCdoB, Jandira Feghali, estimou que sua campanha custará cerca de R$ 5 milhões. Isso é apenas o que foi declarado oficialmente à Justiça Eleitoral.

QUEM PAGA

Entre os maiores financiadores das campanhas eleitorais dos grandes partidos estão empresários, empreiteiros e banqueiros. Nas eleições presidenciais de 2002, por exemplo, os maiores financiadores do candidato José Serra, segundo o TRE, foram os bancos Itaú, Bradesco e Unibanco. Já a campanha de Lula teve entre seus financiadores o banco *Santander*, que doou 1,6 milhão, empresários da siderurgia e a empresa *Star One* (ligada a Embratel) que doou R$ 750 mil. No total, os banqueiros destinaram à campanha presidencial petista R$ 4,9 milhões.

A candidata a Prefeitura do Rio de Janeiro Jandira Feghali (PCdoB) também não leva muito a sério o principio da independência de classe. Na sua última campanha eleitoral para se eleger deputada federal, Jandira teve como seus maiores financiadores de campanha empresas do setor naval. Seu maior "doador" de campanha, com R$ 40 mil, foi o estaleiro naval *Marítima* (empresa que construiu a plataforma P-36, que afundou em 2001). Também doaram para sua campanha a *Transroll Navegação S/A* (R$ 20 mil) e a multinacional *Tractebel* (R$ 20 mil).

PAGOU LEVOU

Certa vez, Paulo Maluf perguntou ao velho economista neoliberal Roberto Campos, se valia a pena investir 100 milhões numa campanha para a Presidência da República. Roberto Campos respondeu que sim, pois nos quatro anos de mandato poderiam significar um ganho que nenhum outro investimento poderia proporcionar.

O conselho de Roberto Campos vale para o conjunto das eleições burguesas. Empresários financiam candidatos de olho nos lucros que os negócios, licitações e empreendimentos públicos podem lhes render no futuro.

Não é à toa que as empreiteiras e os bancos são os maiores doadores de campanha em todas as eleições. Um exemplo disso é que o maior doador da campanha eleitoral foi a *Odebrecht*, mega-empresa do ramo de infra-estrutura.

Em São Paulo, um terço das empresas que contribuíram com a campanha de Marta Suplicy tem hoje contratos com a prefeitura que lhe proporcionam um rendimento de R$ 1,4 bilhão. Um exemplo é a empreiteira *Christiani Nielsen* que constrói os CEUS (Centro Educacionais Unificados) a principal vitrine da administração municipal. Segundo levantamento realizado pelo jornal *Folha de S.Paulo*, a empreiteira já colaborou com R$ 619 mil para o caixa do PT desde 2002. Na administração de Marta Suplicy, a empresa manteve contratos com a prefeitura que chegam a R$ 80,4 milhões.

O governo de Geraldo Alckmin (PSDB) também mantém contratos que beneficiam financiadores de suas campanhas eleitorais. O maior doador para o diretório do PSDB, em 2002 foi o banco espanhol Santander, detentor das contas do governo estadual. Sozinho, o conjunto das doações feitas pelo banco representa 10% de todo o dinheiro de campanha declarado por Alckmin à Justiça Eleitoral.

Em resumo, as eleições são um grande negócio tanto para os políticos, quanto para os empresários. Nesta sórdida história quem acaba saindo sempre perdendo são os trabalhadores pobres.

O BANCO Santander, que comprou o Banespa, financiou 10% da campanha eleitoral de Geraldo Alckmin (PSDB)

BURACO NEGRO DO "CAIXA DOIS"

A legislação atual estipula um limite de 2% do conjunto do faturamento das empresas para doações eleitorais. Aproveitando uma brecha da lei eleitoral, muitos empresários financiam candidaturas por meio dos diretórios partidários, que depois pulverizam os recursos em várias contas de comitês financeiros dos candidatos. Assim, esses doadores não aparecem nas contas dos candidatos entregues à Justiça Eleitoral. Além disso, os empresários ficam livres do limite estipulado para as doações eleitorais, enviando muito mais dinheiro do que é permitido. Estima-se que pelo menos R$ 20,5 milhões foram doados desta forma por empresários ao PSDB e ao PT, nas últimas campanhas eleitorais de 2000 e 2002. Esse tipo de doação "subterrânea" (não declarada à Justiça) permite aos partidos e aos candidatos fazerem o famoso "caixa dois" em suas campanhas eleitorais.

Em meio a este pântano de corrupção, ninguém sabe ao certo quanto é exatamente o valor desviado para o "caixa dois". Em um estudo recente, o professor de *marketing* político Gaudêncio Torquato, da Universidade de São Paulo (USP), estimou que, em média, para cada R$ 1 movimentado oficialmente nos comitês de campanha, outros R$ 3 são arrecadados pelo "caixa dois".

Isso daria um cálculo estimado para as campanhas de Marta e Serra, de R$ 60 milhões cada uma, ou seja, valor equivalente a 230 mil salários mínimos.

A democracia burguesa é pura ficção

A democracia burguesa é atada por fortes laços aos acordos com grandes empresas e ao imperialismo. As grandes empresas controlam diretamente os grandes partidos burgueses (PSDB, PMDB, PFL, PPS, PL e PP) por meio dos financiamentos das campanhas. O PT também passou de malas e bagagens para a defesa da democracia dos ricos e as suas campanhas dependem quase exclusivamente do dinheiro dos empresários e do Estado burguês.

Marqueteiros são contratados por milionários salários para tentar vender seu "produto", no caso o candidato, como se vende sabão em pó. Apresentam uma imagem falsa, dizendo que irão resolver todos os problemas da população caso sejam eleitos.

Contudo, depois das eleições, os candidatos eleitos atuam como fantoches dos grandes empresários, trabalhado em prol dos seus interesses e acobertando suas maracutaias.

Um exemplo recente foi a operação abafa da CPI do Banestado. Depois de quebrar o sigilo bancário dos 29 principais banqueiros do país, deputados e senadores reagiram com uma profunda indignação contra a medida. Segundo uma reportagem do jornal *Folha de S.Paulo*, um deputado inexperiente, de primeiro mandato, perguntou a um experiente parlamentar qual a razão de tanta indignação. O veterano parlamentar respondeu *"São os financiadores de campanha, seu estúpido"*.

Além disso, as grandes empresas controlam a mídia, como jornais, rádios e TVs que manipulam totalmente as eleições.

O resultado é que os candidatos vitoriosos são os sempre representantes da burguesia, distorcendo completamente a vontade dos trabalhadores. Lula, por exemplo, foi eleito pela maioria do povo graças a uma ampla expectativa de mudança. No entanto, depois de eleito vem aprofundando os ataques contra os trabalhadores e mantendo a mesma política econômica de FHC.

Não há saída para a situação de arrocho e miséria dos trabalhadores dentro das regras institucionais "democráticas". As eleições são um jogo de cartas marcadas, no qual os trabalhadores pobres sempre perdem.

O PSTU NÃO ACEITA DINHEIRO DOS RICOS E DOS PODEROSOS

FOTO MATHEUS BIRKUIT

A campanha do **PSTU** é bem diferente das campanhas dos partidos tradicionais e do PT. Defendemos o principio da independência de classe dos trabalhadores e, por isso, o **PSTU** não aceita o dinheiro fruto de corrupção ou dos lucros dos grandes empresários, banqueiros ou latifundiários para financiar suas campanhas eleitorais.

Dessa forma, não ficamos comprometidos com a burguesia como a maioria absoluta dos partidos. Depois das eleições, os financiadores das campanhas do PT, do PSDB, do PFL e de outras siglas eleitorais cobram alto sua fatura, exigindo que seus candidatos fantoches defendam seus interesses e acobertem e colaborem com maracutaias.

Temos orgulho de dizer que nossas campanhas eleitorais são financiadas por meio da contribuição de trabalhadores que compram aportes vendidos pelos nossos militantes. Partidos de esquerda, como o PT, que passaram a depender financeiramente do dinheiro do Estado burguês, de suas instituições e dos grandes empresários, acabaram abandonando a luta dos trabalhadores, passando a defender os interesses dos ricos e dos poderosos e de sua "democracia".

No passado, o PT se orgulhava de realizar campanhas eleitorais utilizando somente a dedicação e a força de seus militantes e apoiadores. Essa prática foi abandonada pelo partido, que hoje paga até R$ 800 de salário para seus cabos eleitorais, se igualando até nisso às demais campanhas burguesas. Nós temos orgulho de manter essa tradição da esquerda brasileira, nossas campanhas eleitorais não são feitas por "militantes" pagos, ela é fruto do esforço espontâneo de nossos militante e colaboradores.

Para o **PSTU**, as eleições burguesas são um jogo viciado, e em nada mudam a vida do povo. Para dar fim à exploração, à opressão e à fome só com a mobilização permanente dos trabalhadores.

Se você concorda com tudo isso, venha apoiar os candidatos socialistas do **PSTU** e contribua para nossas campanhas eleitorais adquirindo os aportes oferecidos pelos nossos militantes.

Desta forma, você estará ajudando a construir uma campanha socialista, livre e independente dos patrões.

"GUERRA DAS GELADEIRAS" REVELA A VERDADEIRA FACE DO MERCOSUL

LIVRE-COMÉRCIO serve às multinacionais

DIEGO CRUZ, da redação

A recente escaramuça comercial entre os governos da Argentina e do Brasil colocou em debate o papel do Mercosul, projeto de livre-comércio entre os países do Cone Sul da América Latina. O estopim da crise ocorreu quando o governo de Néstor Kirchner decidiu impor uma barreira tarifária aos produtos eletrônicos produzidos no Brasil, taxando as mercadorias em 21%. A barreira afeta principalmente os produtos da chamada linha branca, ou seja, eletrodomésticos como geladeiras, fogões e máquinas de lavar.

CAMINHO LIVRE PARA AS MULTINACIONAIS

A barreira imposta por Kirchner explicitou os reais beneficiários do livre-comércio entre os países do Mercosul. Pressionado por empresários argentinos, o presidente argentino foi obrigado a barrar os eletro-eletrônicos produzidos no Brasil, que invadiram o mercado de seu país. Entre os meses de janeiro e junho de 2003, o Brasil exportou cerca de R$ 6,7 milhões em máquinas de lavar para o país vizinho. Neste ano, as exportações no mesmo período cresceram para R$ 17 milhões.

Com o anúncio das barreiras, Sony e Semp Toshiba declararam que suspenderão temporariamente as exportações para a Argentina. Isso porque essas empresas, assim como várias outras multinacionais que atuam na Zona Franca de Manaus, utilizam o Brasil como plataforma de exportações para outros países. Daí a necessidade de uma área livre de barreiras alfandegárias.

Essa situação se aprofundou com o colapso da economia argentina. Diversas multinacionais que estavam instaladas no país se transferiram para o Brasil, beneficiando-se também da desvalorização do real que barateava seus custos. Foi o caso da empresa Whirpool, proprietária da Multibrás, detentora de marcas como Brastemp e Cônsul, que saiu da Argentina para se instalar em Joinville (SC). Outras empresas que não saíram definitivamente da Argentina concentraram seus investimentos no Brasil, favorecendo-se do livre-comércio entre os países. A Fiat é outra beneficiária do Mercosul. Produtora de motores em Córdoba, na Argentina, exporta-os para Minas Gerais, para depois reenviá-los nos carros já montados para aquele país.

ARGENTINA E BRASIL seguem as imposições das multinacionais

Não é difícil perceber quem são os grandes interessados na política de livre-comércio entre os países: as empresas transnacionais, devido à sua maior capacidade de deslocamento na busca por mais lucros.

Enquanto isso, os governos dos respectivos países, como Argentina e Brasil, defendem políticas como se estivessem defendendo a soberania nacional. Nada disso. Estão apenas seguindo a imposição das multinacionais.

Essa é a grande jogada do Mercosul, da Alca e do Nafta: o livre-comércio para as multinacionais. Não é à toa que os maiores interessados no livre-comércio sejam os EUA, que possuem a maior concentração de multinacionais do mundo.

FOTO RICARDO STUCKERT / AG. BRASIL

Néstor Kirchner e Lula no Rio de Janeiro

UNIÃO DAS MULTI, DIVISÃO DOS TRABALHADORES

Apesar da recente atitude do governo argentino, Kirchner já declarou reiteradas vezes seu entusiasmo no fortalecimento do Mercosul. Como resposta à pequena divergência entre os governos, a Força Sindical protagonizou esdrúxulas manifestações pedindo que Lula tome medidas mais duras contra a Argentina. Para a direção da central pelega, os trabalhadores argentinos tomam os empregos dos brasileiros.

A Força Sindical presta um grande desserviço à união da classe. O problema não está entre os trabalhadores. A disputa pelo emprego é resultado da política das empresas que estão preocupadas em aumentar lucros e não em criar novos postos de trabalho. Basta observar que o recente aumento de produção brasileiro não veio acompanhado de empregos e, sim, de horas extras.

Por isso, a campanha da Força Sindical deve ser repudiada. Ao contrário, devemos chamar a unidade dos trabalhadores argentinos e brasileiros contra as empresas e por uma campanha de exigência por redução da jornada de trabalho e abertura de novos postos.

LIVRE MERCADO

TARIFAS PÚBLICAS FICAM MAIS CARAS

Mais uma vez os trabalhadores estão sentindo no bolso o resultado de anos de sucateamento e privatização de serviços públicos básicos, e o beneficiamento dado às empresas exploradoras desses serviços. As contas de telefone e de energia elétrica ficarão mais caras. Os planos de saúde, por sua vez, se aproveitam da situação de penúria do sistema público e também aumentam seus preços.

Como se não bastasse a cobrança abusiva da assinatura, em que o consumidor paga permanentemente por um serviço, usando-o ou não, agora, as empresas de telefonia vão aumentar a tarifa em 8,7%. Com isso, os aumentos no setor vão chegar a 15,49% este ano.

ABUSOS AUTORIZADOS PELO GOVERNO

A justificativa para o aumento decorre de uma decisão judicial que substitui o índice de correção de preço utilizado no ano passado. A Justiça fez cumprir os contratos firmados com as empresas, garantindo seus interesses. O ministro das Comunicações, Eunício Oliveira, realizou um acordo com as distribuidoras parcelando o novo aumento em duas vezes. Em setembro, a tarifa aumentará 4,06% e em novembro ficará 3,87% mais cara. Agora, o governo apresenta o acordo como uma vitória.

Já a Agência Nacional de Energia Elétrica autoriza aumentos na tarifa de energia em todo país. Só na Grande São Paulo o aumento deverá ser de 17,9 %. Esse aumento decorre da variação do preço da energia é corrigida em dólar, ou seja, os consumidores têm de pagar o preço da variação cambial na energia que utiliza.

SAÚDE CARA

Os planos de saúde foram autorizados a aumentar as mensalidades em 11,75%. Isso num momento em que os médicos se mobilizam por reajuste salarial, que não recebem há mais de 10 anos. Nos últimos 7 anos, os aumentos desses planos acumulam 248%.

Além disso, reajustaram em até 80% os contratos feitos antes de 99. Neste momento existe uma guerra jurídica no país em função desses abusos. Esses aumentos corroem a renda dos trabalhadores, cujo "aumento" real no salário mínimo este ano foi de apenas 1,5%. No caso da telefonia e energia, o governo cumpre os contratos firmados com as empresas durante o processo de privatização a ferro e fogo. Na saúde, promove um sucateamento do setor, enquanto é conivente com a expansão dos planos privados, e admite seus abusos.

IMPASSE NA CAMPANHA SALARIAL BANCÁRIA

BANQUEIROS E GOVERNO não apresentam nenhuma proposta nas mesas de negociações; é preciso construir um calendário de mobilizações rumo à greve unificada

bancários A hora é AGORA

SEBASTIÃO CARLOS 'CACAU', *diretor da Confederação Nacional dos Bancários*

A campanha salarial dos bancários encontra-se diante de um impasse. A Conferência Nacional da categoria aprovou a unificação das campanhas dos bancos públicos e privados com a reivindicação de um índice comum: 25% de reajuste. Esse índice equivale às perdas acumuladas nos bancos privados, desde setembro de 1994, logo após a implantação do Plano Real. A Conferência aprovou ainda a apresentação das reivindicações específicas dos bancários dos bancos públicos diretamente às diretorias desses bancos, principalmente no Banco do Brasil e na Caixa Econômica Federal. A principal reivindicação específica dos empregados dos bancos federais é a recomposição das perdas salariais acumuladas, que são muito superiores às perdas nos bancos privados.

Durante os encontros específicos dos empregados do BB e da Caixa, a *Articulação Sindical* impediu que fosse aprovada a reivindicação de reposição integral dessas perdas. A formulação aprovada no BB foi de reivindicar a *"criação de um mecanismo para recompor o poder de compra"* sem indicar quais são as perdas. A tônica é o rebaixamento das reivindicações, para não gerar problemas com o governo Lula, que será o responsável direto pelas negociações nos bancos públicos.

A Articulação está fazendo uma campanha junto à categoria tentando demonstrar que o índice de 25% garante não só a reposição das perdas, mas também "aumento real de salário" até nos bancos públicos. Ou seja, as perdas do período FHC estão sendo esquecidas, para não constranger o governo a discutir a remoção de mais essa "herança maldita" do governo anterior.

Junto com isso, os boletins dos sindicatos dirigidos pela Articulação estamparam, em todo o país, que a perspectiva para este ano é de uma negociação rápida. Baseados em que, não sabemos, pois até agora nas mesas de negociações os banqueiros não apresentaram nenhuma proposta.

As diretorias do BB e da Caixa compareceram à reunião para o recebimento da pauta dos bancários junto com os banqueiros da Fenaban. A presença das diretorias do BB e da Caixa numa possível negociação unificada não é nenhum sinal de mais facilidade. Ao contrário, o governo federal tem jogado duro nas negociações com o funcionalismo público.

O bloco nacional de "Oposição Bancária" está diante de um grande desafio: garantir o debate nas bases sobre todas as reivindicações e sobre a necessidade da categoria construir um calendário de mobilizações rumo a uma greve unificada dos bancários.

Para isso, é preciso enfrentar a postura recuada e pró-governo da Articulação e aliados, que não têm nenhum interesse em detonar uma mobilização forte e que possa questionar o arrocho salarial dos banqueiros e do governo Lula.

SINTTEL/RS

VOTO POR CORRESPONDÊNCIA DISTORCE RESULTADO ELEITORAL

PAULO BARELLA, *de Porto Alegre (RS)*

Nos dias 5 e 6 de julho, foi realizada a eleição para a diretoria do Sindicato dos Telefônicos do RS – SINTTEL/RS. Três chapas concorreram à eleição: a Chapa 1, composta pela atual diretoria (*Articulação*); a Chapa 2, composta pelo **PSTU** e por independentes, encabeçada por uma companheira trabalhadora de uma empresa terceira; e a Chapa 3, composta por um racha da atual diretoria e dirigida pela Força Sindical.

Durante a campanha, a Chapa 2 – Sindicato é pra Lutar – denunciou a política de colaboração de classes levada a cabo pela atual direção (membros das Chapas 1 e 3). Uma das expressões dessa política foi a defesa da manutenção da operadora telefônica estadual em mãos privadas, em uma reunião do Conselho de Gerenciamento em Telecomunicações, realizada em 2000. Mais recentemente, essa direção destruiu um processo de greve nas bases das empresas terceiras, com a assinatura de um acordo vergonhoso.

A Chapa 2 defendeu a democratização do sindicato e a mobilização dos trabalhadores para lutar contra o arrocho salarial, a precarização do trabalho e o fim das terceirizações e quarteirizações. Também se posicionou contra as reformas Sindical e Trabalhista e fez a denúncia da política neoliberal dos governos estadual e federal, apoiada pelos empresários de telecomunicações.

ATIVOS VOTARAM NA CHAPA 2

Apesar de ter obtido a maior votação entre os trabalhadores ativos e terceirizados, a Chapa 2 acabou sendo derrotada pela votação por correspondência, onde o continuísmo (Chapa 1) fez 80% de seus votos. O voto por correspondência só serve para manutenção da burocracia sindical. Além disso, não há segurança quanto a possíveis fraudes, sendo muito fácil a manipulação. Por isso, deve ser abolido em qualquer processo eleitoral sério!

Os integrantes da Chapa 2 decidiram manter a unidade e a organização da oposição telefônica, apresentando-se como alternativa real de direção à categoria. Afinal, entre os trabalhadores ativos, essa foi a verdadeira direção aprovada!

SAIBA MAIS

RESULTADO OFICIAL

Chapa 1 - *1.719 votos*
Chapa 2 - *1.044 votos*
Chapa 3 - *862 votos*

Manifestações de estudantes são reprimidas

JOSÉ GALVÃO, *do Comando de Greve dos Estudantes da Unicamp e militante do PSTU*

No dia 13, os estudantes em greve ocuparam o plenário da Assembléia Legislativa de São Paulo em protesto contra a aprovação da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), que não contemplava a principal reivindicação 11,6% das verbas do ICMS para as Universidades.

Ao invés de reconhecer a legitimidade dessas manifestações, a grande imprensa, as reitorias e o governo lançaram uma dura campanha contra os estudantes, caracterizando-os como "vândalos, que mais parecem fascistas". *Tentam, também, criminalizar o movimento por meio de sindicâncias e ameaças de punição.*

No dia 2 de julho, estudantes das três Universidades estaduais paulistas (USP, Unesp e Unicamp) ocuparam o prédio da reitoria da Unicamp. A manifestação foi parte do calendário da greve e teve como objetivo pressionar os reitores e o governo Alckmin a abrirem as negociações.

Há cerca de um mês, o ministro da Educação, Tarso Genro, já havia chamado de "fascistas" os estudantes que impediram a farsa que foi a audiência do MEC sobre a reforma Universitária em Manaus.

INDYMEDIA

Protesto em São Paulo

A UERJ também pretende punir funcionários e estudantes que protestaram contra o imperialismo americano durante a presença de dois parlamentares dos EUA na Universidade.

É preciso que as entidades comprometidas com o direito de manifestação repudiem essa campanha absurda que quer transformar em criminosos os que lutam contra o imperialismo e o governo.

Moções contra as punições devem ser enviadas para:
Unicamp:
eutambemocupei@yahoo.com.br,
geocities.yahoo.com.br/eutambemocupei/
Uerj:
sintuperj@sintuperj.org.br
nival@uerj.br

ABORTO TEM DE SER LEGALIZADO PARA REDUZIR A MORTALIDADE MATERNA

PT FAZ VISTA GROSSA e hospitais não cumprem a lei que autoriza o aborto em caso de estupro e risco de morte da mãe

CECÍLIA TOLEDO, da redação

Uma mulher, no Rio de Janeiro, estava grávida. Um exame médico comprovou: o bebê era portador de anencefalia, ausência de cérebro, deformidade que impede a sobrevivência fora do útero. Ela então decidiu fazer um aborto. Foi impedida pela Justiça e, numa verdadeira tortura psicológica, suportou a gravidez até o fim, sabendo que o bebê morreria assim que saísse do útero. Dito e feito. A criança viveu apenas sete minutos. A situação é tão absurda que levou o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Marco Aurélio de Mello, a liberar o aborto nos casos de anencefalia. Ainda é uma decisão provisória, que precisa ser julgada pelo STF.

NÃO É ABORTO

A interrupção da gravidez em caso de anencefalia não é considerada aborto porque não há chance de vida do bebê. Essa foi a tese do advogado Luís Roberto Barroso, acolhida pelo ministro do STF. Isso só aumenta o absurdo da proibição. Quantas mulheres não tiveram de suportar a gravidez até o fim, mesmo sabendo que não teriam seu filho? Hoje os exames intra-uterinos permitem saber quase tudo sobre o feto e o bebê, mas de que servem esses exames se depois nenhuma providência é tomada? Isso é mais uma demonstração de que os avanços da medicina pouco ajudam a vencer a opressão da mulher, se não houver profundas mudanças nas leis.

Hoje, diante da necessidade ou do desejo de interromper a gravidez, as mulheres ricas têm opções, mas às pobres só resta a Justiça, que é lenta e atravessada por problemas morais. A primeira decisão judicial no Brasil autorizando uma gestante a interromper a gravidez por anencefalia do bebê aconteceu em Rondônia, em 1989. Desde então, 3 mil casos chegaram à Justiça. Foram necessários 15 anos para que o drama dessas mães chegasse ao STF.

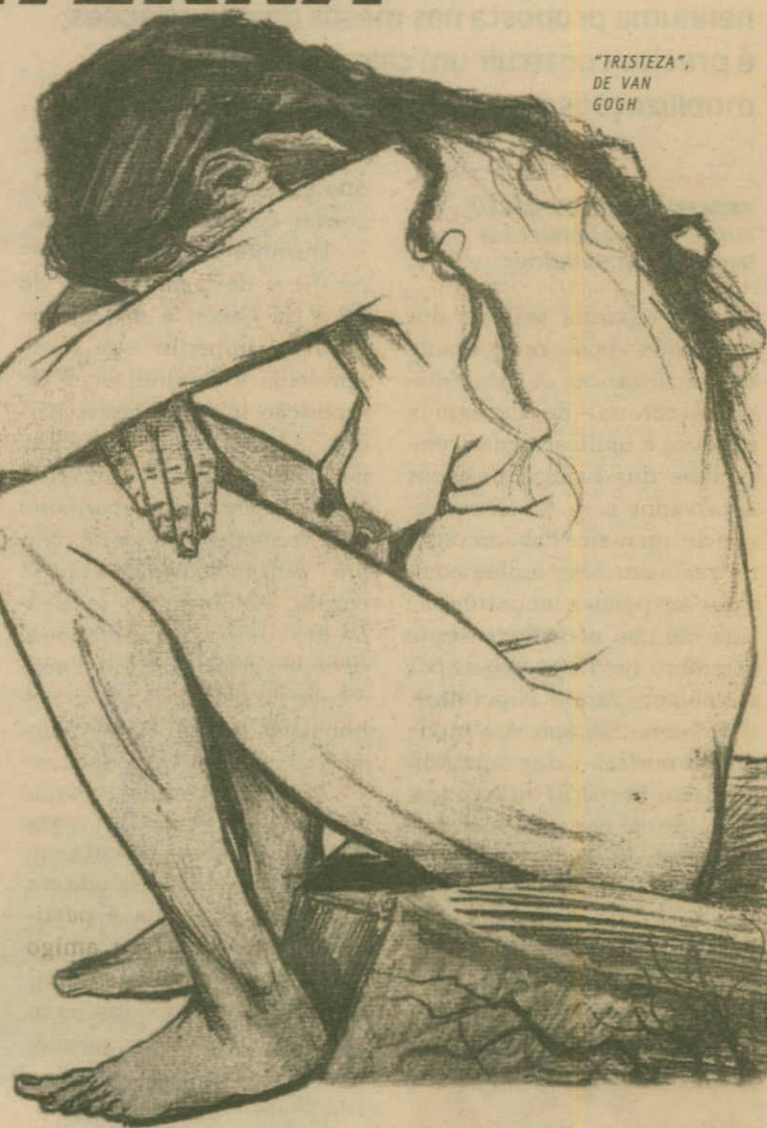
O FEMINISMO CONVENIENTE DO PT E DE MARTA SUPLICY

A decisão do juiz do STF é um avanço, mas por si só não resolve a tragédia que virou o aborto no Brasil. Detectar anencefalia requer um exame clínico ao qual poucas mulheres têm acesso. O problema do aborto atinge sobretudo as mulheres pobres, que não têm acesso a exames, a hospitais e a tratamentos. Nada disso vai ser resolvido enquanto o aborto continuar a ser considerado um crime.

No Brasil, o aborto é considerado crime pelo Código Penal, de 1940. Só em casos de risco de morte da mulher e gravidez resultante de estupro o abordo é permitido por lei. Em todos os outros, a mulher pode ser condenada a até três anos de prisão e o profissional de saúde a até quatro.

Mesmo nos casos previstos em lei, apenas 44 hospitais em todo o país têm profissionais que fazem o aborto, sendo que todos os 30 mil hospitais do país deveriam fazer. Não o fazem porque *"há resistências éticas e religiosas entre os médicos"*, diz Jorge Andalaft Neto, da Comissão Nacional de Violência Sexual e Interrupção da Gestação. Enquanto isso, milhões de mulheres, sem dinheiro para recorrer a uma clínica, morrem ou ficam com seqüelas graves por abortos mal feitos.

"TRISTEZA", DE VAN GOGH

O PT chegou ao governo prometendo resolver o problema. Marta Suplicy, em São Paulo, construiu toda a sua carreira política em cima do feminismo. Milhões de mulheres pobres e trabalhadoras votaram nela, confiando que cumpriria a palavra. Bastou chegar ao poder para que o tema do aborto desaparecesse de seu programa de governo. Ela e o PT em quatro anos de governo só ampliaram em quatro hospitais o atendimento no caso de aborto legal e os hospitais nem sequer são obrigados a cumprir a lei.

Feministas por conveniência: enquanto dá voto, serve. Na hora de botar a mão na massa, esquece.

Aids mata mais que atropelamento e bala de "revorve"

Quem acha que é demais agüentar tanto tiro, atropelamento, violência doméstica, morte por aborto clandestino, ainda não viu nada. Mais que tudo isso, é a Aids que está dando cabo de milhões de mulheres pobres no mundo. Estudo da ONU mostra que a epidemia se alastra e hoje 60% dos infectados pelo HIV são mulheres. No início dos anos 80, o número de homens para cada mulher com Aids chegou a 28 por 1. Atualmente, é de 1,8 por 1.

A principal forma de infecção é o sexo heterossexual. Por isso as mulheres ficam mais expostas, fazendo da camisinha um requisito indispensável, mas que vem perdendo a disputa com a Igreja e o machismo.

Os maiores impulsos para o aumento da contaminação de mulheres vêm da violência sexual e da falta de informação. Na sociedade burguesa, o homem pode ter várias parceiras, mas a mulher tem de se manter fiel e abdicar do preservativo. É a cultura do silêncio, um dos maiores aliados do HIV.

"O crescimento da Aids entre as mulheres, especialmente entre as meninas, se deve às desigualdades que persistem no país", declarou a pesquisadora Monica Muñoz ao jornal Folha de S.Paulo, no dia 14. "Entre essas desigualdades estão o machismo, a violência, a dupla jornada. São as mulheres, as meninas, que cuidam dos homens quando eles caem doentes".

Mulheres do PSTU no ato de 8 de Março

PROGRAMA DE EMERGÊNCIA

O inferno que o capitalismo reserva à mulher exige medidas urgentes e bem conhecidas. Mas não custa repetir. O movimento dos trabalhadores precisa exigir imediatamente do governo Lula:

- *Pleno emprego para mulheres e homens*
- *Igualdade salarial*
- *Creches, lavanderias e restaurantes coletivos e públicos*
- *Postos de saúde abundantes e de boa qualidade*
- *Escola pública*
- *Moradia gratuita e de boa qualidade*
- *Proteção à mulher agredida*
- *Punição a todo tipo de discriminação à mulher negra*
- *Campanhas de prevenção a Doenças Sexualmente Transmissíveis e à Aids*
- *Distribuição ampla e gratuita de preservativos*
- *Distribuição ampla e gratuita de remédios*
- *Educação sexual nas escolas*
- *Aborto livre em todos os hospitais públicos*

O CANTO GERAL DE NERUDA

O CENTENÁRIO de Pablo Neruda é um bom momento para relembrar a obra e a vida de um dos maiores poetas latino-americanos

***YARA FERNANDES**, da redação*

"Quem não conhece o bosque chileno não conhece este planeta. Daquelas terras, daquele barro, daquele silêncio, eu saí a andar, a cantar pelo mundo."

No dia 12 de julho, Pablo Neruda completaria cem anos. Nasceu na cidade de Parral, no Chile e nesse país conheceu as injustiças da sociedade, que fizeram nascer seu sentimento coletivo. Depois, resolveu cantar sua poesia em outras partes do mundo, pois as necessidades que ele vira no povo chileno eram as necessidades do homem em toda parte.

Mais que comemorar seus cem anos de vida, cerca de 50 países celebram sua poesia e mensagem política. A simplicidade poética de seus versos comove. Neruda falava do povo, do homem, de maneira próxima e cotidiana e, ao mesmo tempo, com valores universais. Acima do amor por uma ou outra musa, Neruda nutria um amor pela humanidade, um amor que transforma as mensagens revolucionárias em poemas.

Pablo Neruda e Salvador Allende

O verdadeiro nome de Pablo era Ricardo Eliezer Neftalí Reyes Basoalto. Quando jovem, ele já escrevia poesias. Aos dezesseis anos, resolveu adotar o pseudônimo Pablo Neruda, já que seu pai não aprovava a vocação artística do filho. Escolheu "Pablo" porque o som lhe era agradável e "Neruda" em homenagem ao poeta checo Jan Neruda. Em 1946, aos 42 anos, Neruda trocaria seu nome no cartório, dando registro oficial ao nome pelo qual adquirira fama internacional.

O POLÍTICO

A atuação política do poeta despertou definitivamente em 1936. Nessa época, Neruda era Cônsul na Espanha e participou junto com seu amigo Garcia Lorca na Guerra Civil Espanhola, ao lado dos republicanos e contra o franquismo. Nessa luta contra o ditador fascista Francisco Franco, o poeta Garcia Lorca foi uma das primeiras vítimas assassinadas. Esses fatos e o clima conturbado que a Europa vivia foram decisivos para que Pablo Neruda escrevesse sua primeira obra com conteúdo político: *Espanha no coração*. Com isso, o escritor se distanciou do lirismo de seus primeiros livros, como *Crepusculário* e *Vinte poemas de amor* e uma canção desesperada. Ele perdeu o cargo de Cônsul, devido a sua aberta participação política na Guerra Civil Espanhola.

Em 1945, Neruda entrou para o Partido Comunista e foi eleito senador no Chile. Em 1948, perdeu seu mandato e passou à clandestinidade, devido às mordazes críticas que fazia ao presidente Gabriel González Videla. O escritor e poeta viajou por vários países, na maioria das vezes como exilado político. Em 1950, publicou *Canto geral*, no México. É uma de suas obras mais importantes sobre os povos da América e suas lutas. No ano de 1971, Neruda ganhou o Prêmio Nobel de Literatura.

Em 1970, sua imagem e participação política eram de tal importância, que foi indicado pelo Partido Comunista para a Presidência da República. Entretanto, renunciou, capitulando à candidatura frente-populista de Salvador Allende, que ganhou as eleições. Pablo apoiou o governo de Allende até o fim, mesmo quando esse se recusou a conclamar os trabalhadores a resistirem ao golpe militar promovido por Augusto Pinochet. Em 1973, com o assassinato de Salvador Allende, Pinochet assumiu o poder instalando uma ditadura militar.

Doze dias depois, morreu o poeta e político Pablo Neruda. Seu cortejo fúnebre foi o primeiro grande ato contra a ditadura Pinochet. No meio da multidão, as palavras de ordem políticas se somaram às lágrimas da perda.

Neruda era um poeta revolucionário, polêmico tanto para a esquerda quanto para a direita, devido às poesias políticas e as suas relações com o stalinismo. Apesar de jamais ter se distanciado do PC e ser um stalinista convicto, o poeta não se enquadrava na estética panfletária propagada pela escola soviética do realismo socialista. Escrevia de forma simples sua poesia, para que, colada na realidade, atingisse os trabalhadores. Em seu livro de memórias, *Confesso que vivi*, o poeta explica que *"a burguesia exige uma poesia cada vez mais isolada da realidade. O poeta que sabe chamar o pão de pão e o vinho de vinho é perigoso para o agonizante capitalismo"*.

De que outra maneira tão singela alguém conseguiria reivindicar igualdade em uma *"Ode à maçã"*? No poema, Neruda diz à maçã: *"Eu quero uma abundância total, a multiplicação de tua família. Quero uma cidade, uma república, um rio Mississipi de maçãs. E em suas margens, quero ver toda a população do mundo unida, reunida no ato mais simples de toda a terra: mordendo uma maçã"*.

Como nascem as bandeiras

"Estão assim até hoje nossas bandeiras.
O povo as bordou com sua ternura,
coseu os trapos com seu sofrimento.
Cravou a estrela com sua mão ardente.
E cortou de camisa o firmamento,
azul, para a estrela da pátria.
O vermelho, gota a gota, ia nascendo".

América, não invoco teu nome em vão

"América, não invoco teu nome em vão.
Quando sujeito ao coração a espada,
Quando agüento na alma a goteira,
Quando pelas janelas
Um novo dia teu nome me penetra,
Sou e estou na luz que me produz,
Vivo na sombra que me determina,
Durmo e desperto em tua essencial aurora:
Doce como as uvas, e terrível,
Condutor do açúcar e do castigo,
Empapado em esperma de tua espécie,
Amamentado em sangue de tua herança".

Pablo Neruda

(do livro Canto geral)

A Cidade

"E aqui não era a pedra
convertida em milagre, nem a luz
procriadora, nem o benefício azul da pintura,
nem todas as vozes do rio,
os que me deram a cidadania
da velha cidade de pedra e prata,
mas um operário, um homem.
Por isso creio
cada noite no dia,
e quando tenho sede creio na água,
porque creio no homem.
Creio que vamos subindo
o último degrau.
Dali veremos
a verdade repartida,
a simplicidade implantada na Terra,
o pão e o vinho para todos.

Pablo Neruda

(fragmento de "A cidade", do livro As uvas e o vento)

REFERENDO NA BOLÍVIA: MAIS PROTESTOS DO QUE VONTADE DE VOTAR

DEFINIDO O REFERENDO como uma armadilha do governo, a maioria dos bolivianos se absteve ou anulou o seu voto

FOTO INDYMEDIA BOLÍVIA

CECÍLIA TOLEDO, de La Paz

La Paz amanheceu tensa neste domingo, 18 de julho. Aqui, mais perto do céu do que nós brasileiros, mas com os pés fincados no chão, os bolivianos enfrentaram o referendo convocado pelo governo Carlos Mesa. Enfrentaram é a palavra certa, porque ao contrário do que se está dizendo na mídia, o dia não foi nada tranqüilo. O governo mobilizou um imenso operativo policial e militar para garantir a votação e habilitou uma linha de telefone gratuita para receber denúncias de tentativas de boicote.

Muita gente foi votar porque o voto era obrigatório e quem não vota tem problemas legais depois. O governo fez questão de deixar isso bem claro. Mesmo assim, não se sentia um grande ânimo nas filas, uma ânsia para votar. Foram inúmeras as urnas queimadas em El Alto, bairro que desde a noite anterior estava em pé de guerra, com bloqueios de caminhos e pneus queimados. Muitos votantes faziam questão de exibir seu voto anulado, antes de colocá-lo na urna.

O que mais se comentava na cidade era que essa era uma consulta "tramposa", como dizem por aqui. "Tramposa" porque é uma "trampa", uma armadilha do governo para escapulir da imposição feita em outubro quando, sublevada, a população já havia dado a sua opinião, reivindicando a nacionalização do gás.

Outra palavra muito usada por aqui nestes dias foi democracia. Se a primeira vinha da boca do povo, a segunda vinha do governo e de seus porta-vozes, incluindo todos os partidos políticos legalizados. Mas, ao que tudo indica, a grande jogada de Mesa para escapar da exigência de nacionalização do gás não vai dar certo. A população também acha que a participação direta na luta é o melhor caminho. E sabe que tanto faz dizer "sim" ou "não" no referendo, pois o governo vai continuar entregando o gás boliviano às transnacionais.

A fraude nas apurações

O referendo terminou às 17h e às 19h já eram fortes os indícios confirmando todas as previsões: a fraude foi descarada.

Os resultados preliminares saíram a partir das 19h, quando ainda não havia transcorrido tempo suficiente para a contagem dos votos. Ainda assim, houve 41% de abstenção, quando na Bolívia a abstenção tradicionalmente fica entre 16% e 30%. Os votos nulos e brancos chegaram a 24%. Se somarmos 24% mais 41%, vemos que somente 35% das pessoas supostamente se pronunciaram pelo "sim" ou pelo "não". Em Santa Cruz, a abstenção passou de 50%. Isso comprova que a manobra de Mesa para legitimar-se politicamente tem pouco alcance e a luta pela nacionalização do gás continua. Como disse Jaime Solares, presidente da Central Obrera Boliviana (COB): "A guerra contra esse governo agora vai se radicalizar".

Para ser conseqüente e conseguir esse objetivo, a direção da COB deve convocar um Congresso de Base para traçar um plano de luta. Na atual etapa revolucionária que vive, a Bolívia deve estar inserida na estratégia de tomada do poder pelos operários e camponeses, aglutinados hoje em torno da Central. A essa tarefa, o MST boliviano, o único partido que, de forma conseqüente, chamou o boicote ao referendo, coloca todo seu empenho.

"EM OITO MESES, A POPULARIDADE DE MESA CAIU DE 80% PARA 35%"

AGORA SÃO 19h, começam a sair os primeiros resultados do referendo. Conversamos rapidamente com JAIME VILELA, dirigente do Movimento Socialista dos Trabalhadores, no momento em que saía da prisão

Você acaba de sair da prisão? Como está se sentindo?

Muito indignado pelo tremendo aparato policial-militar utilizado por Mesa. Durante o dia de hoje, cerca de 230 pessoas que protestavam contra o referendo foram presas. Eu fui preso quando a polícia dispersou de maneira violenta um grupo de cem pessoas que estavam conversando sobre o tema do referendo, esperando a marcha convocada pela COB, que nunca se realizou.

Por quê?

Os dirigentes da COB não compareceram à praça São Francisco, no centro de La Paz, para dar início à marcha. Enquanto esperávamos, formou-se um grande aglomerado de pessoas, querendo discutir o referendo. Nisso, um oficial de polícia me deu um violento chute na perna e me obrigou a subir no camburão.

Qual foi a participação de Evo Morales, do MAS?

Teve uma política de aberta colaboração com o governo e sua armadilha. Conformou grupos de choque contra aqueles que iam boicotar e queimar urnas. Desarmou os principais conflitos em curso. Isso lhe custou a expulsão da COB.

O MST chamou o boicote. Por quê?

Cerca de 1.200 exemplares do jornal do MST foram vendidos

> **"O referendo é antidemocrático e não incorporou a nacionalização do gás em nenhuma pergunta."**

Porque o referendo é antidemocrático e não incorporou, em nenhuma das cinco perguntas, a que o levante de outubro pediu: a nacionalização do gás. Pelo contrário. Com "sim" ou "não", tende a legitimar o neoliberal presidente Mesa. Tanto faz que o resultado seja "sim" ou "não", pois as transnacionais vão continuar no país, explorando o gás, cujas reservas estão calculadas em US$ 350 bilhões, dos quais apenas 3% entram como ingresso para a Bolívia.

Qual era o clima hoje?

Havia uma grande receptividade às nossas posições, tanto que foi uma pessoa que estava ali na praça, nos ouvindo falar contra o referendo, que me ajudou quando a polícia me levou preso. Foi muito solidária. Pediu meu telefone para avisar a minha família sobre a prisão e todas as pessoas brigaram para que eu não fosse preso. O descrédito no governo Mesa aumentou abruptamente, em oito meses, e sua popularidade caiu de 80% para 35%. Isso confirma o que defendemos no ampliado da COB, em abril, isto é, que ela deveria preparar um Congresso para planejar as ações do boicote de hoje.

Como atuou o MST?

Foi muito boa nossa atuação. Vendemos 1.200 exemplares de nosso jornal, cuja capa chamava o boicote. É interessante lembrar que o povo na rua tirava xerox do jornal e vendia a 1 boliviano (metade do preço). Jaime Solares, dirigente da COB, em uma entrevista na TV, no momento em que chamava o boicote, mostrava nosso jornal diante das câmeras. Distribuímos 4 mil panfletos e pintamos muros da cidade chamando o boicote. Muitos canais de TV e emissoras de rádio divulgaram nossa posição.

EVO MORALES APÓIA A FARSA DO REFERENDO

O DEPUTADO do MAS é chamado de traidor por apoiar o governo boliviano

***YURI FUJITA**, da redação*

Quando o presidente Carlos Mesa assumiu o governo em 2003, Evo Morales – deputado e principal dirigente do MAS – defendeu que Mesa era um governante diferente e que, portanto, a situação do povo boliviano iria mudar.

Dessa forma, Morales garantia a sustentação política do presidente. Mas a máscara caiu quando a COB, que inicialmente também tinha promovido uma trégua ao governo, decretou o seu fim, possibilitando ao movimento ocupar novamente as ruas, declarando guerra a Mesa. Morales, por sua vez, posicionou-se incondicionalmente ao lado do governo, criticando todo ato que pudesse desestabilizá-lo.

Em fevereiro, houve a primeira greve geral do ano convocada pela COB. Morales defendeu o boicote acusando Jaime Solares, presidente da Central, de ser um mandatário da embaixada dos EUA.

Contra a maioria do movimento organizado da Bolívia, o MAS aliou-se aos deputados da direita no parlamento boliviano para aprovar a realização do referendo. Depois, passou a defender que a população votasse "sim" nas três primeiras perguntas e "não" nas duas últimas, legitimando, assim, a farsa organizada pelo governo. Atualmente, Evo nem sequer defende mais a nacionalização do gás. Em entrevista a um jornal argentino afirmou: *"Minha proposta de socialismo é respeitando a propriedade privada"*.

O PACTO com Mesa tem um só objetivo: as eleições de 2007

O pacto com Mesa tem um só objetivo: as eleições presidenciais de 2007. Morales deseja ganhar pelo menos 200 municípios até o final do ano, para assim alcançar mais de 50% dos governos locais.

Apesar de tudo isso, Morales é muito elogiado por diversas organizações da esquerda internacional por ser "radical". Ele mesmo gosta de ser identificado como "o Lula da Bolívia". Seu braço direito, o senador Filemón Escobar, afirmou em reunião com James Petras que *"toda a luta está condicionada para manter o sistema a qualquer custo, confiando nas eleições"*. De fato, a comparação entre Lula e Evo não deixa de ser correta. *"Falar do MAS, agora, um partido eleitoral, policlassista, com muita influência dos parlamentares vinculados com a classe média, como se fosse o MAS do começo, é um erro, como acontece com o PT do Brasil"*, afirmou Petras para a revista argentina *La Maza*.

O desgaste de Evo Morales no movimento é evidente. Em todas as manifestações ele é chamado de traidor. Seus parlamentares da cidade de Santa Cruz de la Sierra se enfrentaram com o movimento anti-referendo exigindo a prisão dos dirigentes da COB por estes quererem impedir a realização do referendo. *"Os que querem queimar as urnas serão queimados"*, afirmou Benigno Vargas do MAS. Como resposta, a COB, em sua última plenária, expulsou "por desonra" o deputado, chamado-o de "vende-pátria" e "traidor". O secretário-geral da COB, Luis Choquetijlla, disse: *"Morales estaria sendo sancionado ao ser expulso com demérito para que nunca mais se levante como dirigente expressivo das organizações sociais"*.

A Petrobras atua como multinacional na Bolívia

Os objetivos imediatos da Petrobras na Bolívia – e também da espanhola *Repsol* – é ampliar os contratos para poder exportar gás para a Argentina, o México e os EUA. Os atuais 4 milhões de metros cúbicos diários concedidos a essas empresas passariam para 30 milhões durante os próximos 20 anos. E essa venda, segundo o projeto do governo boliviano, seguiria os mesmos parâmetros tributários que regem hoje a atividade hidrocarbonífera na Bolívia: 18% de impostos para o Estado e o resto para as empresas que participam do negócio.

Segundo a Associação dos Engenheiros da Petrobras, com a área recém-descoberta de gás natural na região da bacia de Santos, o Brasil poderia deixar de comprar o gás que adquire anualmente da Bolívia. O Brasil consome 30 milhões de metros cúbicos de gás por dia e a produção em Santos pode chegar a 60 milhões. Para isso, o governo teria de investir pelo menos US$ 2,5 bilhões para desenvolver as pesquisas na região. Ou seja, no negócio com a Bolívia não se está pautando nem sequer o interesse nacional. O governo se nega a investir em infra-estrutura no país, que poderia gerar empregos e diminuir nossa dependência externa na questão energética, porque mantém os compromissos da dívida.

Traçado do gasoduto Brasil-Bolívia

PROTESTOS se dirigiam para a sede da Petrobras, exigindo a anulação imediata dos contratos de concessão do gás

O referendo é um instrumento para viabilizar que as multinacionais como a *Repsol*, a *British Gas* e a nossa Petrobras possam exportar gás para outros mercados. Ou seja, o governo usa a Petrobras para defender os interesse das multinacionais na Bolívia.

Lula participou até de uma reunião com o presidente boliviano no início de julho para dar seu apoio ao referendo. Na verdade, isso refletia o temor de que um resultado negativo no referendo pudesse aumentar a tributação sobre a importação do gás, dos atuais 33% para 50%. No último mês, protestos se dirigiam contra a Petrobras, na Bolívia, exigindo a anulação dos contratos de concessão em San Alberto, uma das maiores reservas de gás natural do país.

PELO MUNDO

POR YURI FUJITA

FILIPINAS

Tropas deixam o Iraque

Após o seqüestro do caminhoneiro filipino pela guerrilha iraquiana, a presidente das Filipinas, Gloria Arroyo, decidiu retirar as tropas de seu país do Iraque. Apesar da pressão dos EUA, na sexta-feira, 16, já estavam de saída 10 militares filipinos e o comandante-geral da tropa. Aproximadamente 50 soldados faziam parte da coalizão e cerca de 4 mil filipinos trabalham atualmente no país a serviço da ocupação. O porta-voz da Casa Branca, Scott McLellan, disse que as Filipinas estão "dando um sinal errado aos terroristas". Na verdade, o "sinal errado" está sentindo o presidente Bush, que a cada dia vê se aproximar o fantasma do Vietnã.

COLÔMBIA

Dia mundial contra a Coca-Cola

Desde o segundo Fórum Social Mundial, em 2002, o dia 22 de julho tornou-se o dia internacional de luta contra a Coca-Cola. Essa data foi escolhida em homenagem a dois sindicalistas mortos na Colômbia. Somente neste ano já foram assassinados 29 sindicalistas na Colômbia, onde o governo de Alvaro Uribe está determinado a exterminar o movimento sindical combativo.

PERU

Movimentos querem a saída de Toledo

A mobilização no dia 14 de julho no Peru conseguiu unificar todos os setores populares descontentes com o governo. A Central Geral dos Trabalhadores Peruana (CGTP) informou que, ao final da marcha, cerca de 10 mil pessoas se reuniram na principal praça de Lima, capital do Peru, para exigir que o governo mude sua política econômica. No interior, a mobilização foi mais forte, com participação de 70% da população. Pressionado pelos 90% de reprovação do governo, o presidente da CGTP afirmou que a próxima marcha levantará o "Fora Toledo".

Fala Valdir, pré-candidato à Prefeitura de Fortaleza (CE)

UM OPERÁRIO DA CONSTRUÇÃO CIVIL PARA PREFEITO

Quais são os principais problemas que o povo enfrenta em Fortaleza?

O maior é o desemprego, que afeta mais de 20% da população. Depois, vem a falta de moradia. Hoje existem 165 mil famílias que não têm lugar para morar. Além disso, temos um péssimo e caro sistema de transporte; na educação pública faltam salas de aulas e professores, somados aos baixos salários. Há ainda uma caótica situação do sistema de saúde pública.

Quais são os candidatos à Prefeitura de Fortaleza?

Destacam-se os três candidatos dos partidos burgueses tradicionais (PMDB/PSDB/PFL) e dois da Frente Popular, que saiu dividida: Inácio Arruda, do PCdoB, com apoio das correntes petistas *Articulação* e *Democracia Radical* e do PCB, e Luzianne Lins (PT) que tem apoio da esquerda petista.

Por que PT e PCdoB se dividiram nas eleições?

Por disputa de poder. As duas candidaturas apóiam o governo federal. Inácio tem sido um fiel escudeiro do governo, votando a favor da reforma da Previdência e do salário mínimo de R$ 260. Ele tem como vice um ex-deputado do PPS. Luzianne Lins assinou um acordo comprometendo-se a não fazer nenhuma crítica ao governo federal e defendê-lo caso seja criticado.

Foi por esse motivo que o PSTU lançou candidatura própria?

> “Defendemos a estatização do sistema de transporte coletivo”

Sim. Os sucessivos governos só têm olhado para os ricos e nós temos clareza que precisamos ter uma campanha que coloque os problemas do povo pobre. Todos as outras candidaturas fazem demagogia dizendo que vão resolver os problemas. Na verdade, todos eles defendem a continuação do atual modelo. Nós dizemos claramente que essa situação só pode mudar se rompermos com o FMI e a Alca e pararmos de pagar a dívida. Com isso poderíamos pôr um fim a essa política econômica.

Fortaleza viveu uma grande mobilização pela questão do transporte coletivo. Como foi a participação do PSTU?

Participamos ativamente da mobilização e da organização dessa luta. Nossa bandeira é a da manutenção do meio-passe rumo ao passe-livre e contra o fim do vale-transporte. Para isso, defendemos a estatização do sistema de transporte coletivo. Acreditamos que só com a luta direta do povo poderemos derrotar essas políticas que tiram direitos dos trabalhadores e da juventude. A burguesia da cidade tentou o tempo todo colocar a pecha de baderneira na juventude, mas todas as pesquisas mostraram o grande apoio que a população deu aos estudantes. A grande ausência foi dos parlamentares da “esquerda” que não apareceram em nenhum momento, mesmo quando houve grande repressão e dezenas de ativistas presos.

Como o PSTU está vendo esse processo eleitoral?

Estamos vendo uma indignação muito grande por parte da população por conta das ilusões que tinham no governo Lula e no PT. O que leva a enxergar todos os candidatos como iguais. Achamos positivo esse sentimento, pois para construirmos o novo temos de destruir o velho. Precisamos canalizar toda essa indignação para a luta direta e organizar uma oposição de esquerda ao governo Lula.

FORTALEZA

RAIMUNDÃO,

candidato que encabeça a chapa de vereadores em Fortaleza

“Minha candidatura vai estar em cada canto em que houver luta do povo trabalhador”

Qual o objetivo de sua campanha?

Queremos discutir com os trabalhadores e a juventude pobre da cidade uma saída para a crise. Portanto, minha candidatura vai estar em cada canto em que houver luta do povo trabalhador e pobre de Fortaleza. O povo começa a compreender que o que muda a vida é a luta e não o voto. Estaremos na luta contra as reformas Sindical e Trabalhista, contra os salários de fome e o desemprego. Também apoiamos a construção de uma nova alternativa de luta para os trabalhadores, a Conlutas.

JUAZEIRO DO NORTE

A candidata a prefeita é a professora universitária, Alana, e seu vice será o professor Marcelo.

Fabio José é vereador na cidade e esteve presente nas principais lutas dos trabalhadores da região. Nessas eleições ele vai encabeçar a chapa de vereadores do PSTU.

A CAMPANHA PELO BRASIL

BAURU (SP)

Dia 24, sábado, será realizado o ato/festa de lançamento da candidatura a prefeito de Sandro Fernandes. O evento vai começar às 20h na quadra esportiva do Sindicato dos Bancários, localizado na rua Marcondes Salgado, 4-44 – Centro.

PSTU 16

LANÇAMENTO DAS CANDIDATURAS DO PSTU/BAURU

Prefeito: **SANDRO FERNANDES - 16**
Vice-prefeito: **IRACI BORGES**
Vereadores: **LÉO** (Bancários) - **16001**
RAMON (Sistema Prisional) - **16002**
ELIANE KOTI (Servidores) - **16003**

ATO FESTA

R$ 5,00 com direito a um espetinho e uma bebida
24/07/04 (Sábado) - A partir das 20:00h
Quadra esportiva do Sindicato dos Bancários
RUA MARCONDES SALGADO, 4-44 - CENTRO - BAURU - SP
Obs.- Haverá teatro para as crianças.

SUPLEMENTO ESPECIAL
CONTRIBUIÇÃO: R$ 0,50

CUT

ROMPER COM O VELHO PARA CONSTRUIR O NOVO

CUT: É HORA DE DISCUTIR NAS BASES A RUPTURA

A FALÊNCIA DA CUT abre a necessidade da construção de uma nova direção para o movimento

EDUARDO ALMEIDA, da redação

Os sindicatos combativos estão começando a discutir em suas bases a ruptura com a CUT. O que era impensável há alguns anos, hoje é uma necessidade dos setores que querem lutar contra o governo e suas reformas neoliberais.

Assim como apoiaram a reforma da Previdência, as direções da CUT e da Força Sindical apóiam as reformas Sindical e Trabalhista, com as quais o governo espera retirar direitos históricos dos trabalhadores. Ao lado da UNE, apóiam a reforma Universitária. Além disso, a CUT vem traindo os movimentos grevistas para evitar problemas para os patrões e para o governo Lula.

FOTO WLADIMIR SOUZA

O QUE ACONTECEU COM A CUT?

A CUT nasceu do resultado de grandes lutas e de movimentos grevistas no final da década de 70 e início da década de 80. Essas mobilizações se chocaram com os pelegos dos sindicatos atrelados aos governos militares. Houve uma reorganização do movimento sindical que culminou no Congresso de Fundação da CUT, em 1983. Esse movimento derrubou os pelegos dos sindicatos na década de 80 quando a Central foi a referência para o grande ascenso grevista. Junto com o PT, a CUT foi uma grande conquista dos trabalhadores no passado.

Mas, com o fim da ditadura, a democracia burguesa foi incorporando as direções do PT e da CUT ao seu projeto. O PT foi se adaptando à institucionalidade com a eleição de vereadores, deputados, prefeitos e governadores. A direção da CUT seguiu pelo mesmo caminho por meio dos acordos com a patronal (Câmaras Setoriais, por exemplo) e das verbas públicas, como as do FAT (Fundo de Apoio ao Trabalhador). Alterando o estatuto, a direção ampliou seu poder, burocratizando a entidade.

No governo Lula, a CUT deu um salto em sua integração ao Estado, com acesso direto às verbas estatais. Hoje cumpre o papel que os pelegos cumpriam no passado. Com a reforma Sindical, as direções da CUT e da Força Sindical esperam obter o poder de negociação e destruir a oposição dos sindicatos de base.

Por tudo isso, existe um repúdio cada vez maior à CUT. Muitos sindicatos pararam de contribuir e outros já romperam com a Central.

Inicia-se um processo de reorganização sindical e uma nova direção começa a se formar ao redor da Coordenação Nacional de Lutas (Conlutas), que organizou o protesto vitorioso contra as reformas, no dia 16 de junho, em Brasília, e acaba de marcar para janeiro de 2005 seu segundo Encontro Nacional, no Fórum Social Mundial.

CUT E REFORMA SINDICAL, UM SALTO PARA TRÁS

MARIÚCHA FONTANA, da redação

O projeto de reforma Sindical, construído em comum acordo entre governo, empresários e dirigentes da CUT e da Força Sindical, tem como objetivo concentrar poderes nas cúpulas das Centrais para que estas ajudem na implantação da reforma Trabalhista, talvez a mais violenta das reformas neoliberais de Lula.

Com a reforma Sindical, as centrais poderão negociar e contratar em nome dos trabalhadores, sem a aprovação das assembléias dos sindicatos de base. Já na reforma Trabalhista o governo declarou que pretende acabar com o 13º salário e "discutir" o direito às férias.

Além disso, com essa reforma, quer-se impor a "lei do silêncio" ao movimento, com regras proibitivas para a criação de novos sindicatos "não-autorizados" pelas direções das Centrais. O governo poderá intervir nos sindicatos que se recusarem a "negociar", lembrando os tempos da ditadura militar. Será um salto, da CUT e demais centrais, na burocratização e no atrelamento ao Estado.

PARA A CUT, REFORMA JÁ EXISTE

A CUT está atuando como se a reforma já existisse, tornando-se mais truculenta, traidora e burocrática. Ações e traições inéditas em lutas e disputas sindicais estão ocorrendo, fatos que nos lembram a velha pelegada.

O caso dos Correios, em São Paulo, foi emblemático, tanto em relação ao "desmonte" da greve, como, posteriormente, nas eleições do sindicato. A greve ocorrida no final do ano passado foi fortíssima. A *Articulação*, ao defender um acordo rebaixado para preservar a política econômica de Lula/Palocci/FMI, foi derrotada pela base em assembléia massiva. Como precisava derrotar a greve nacionalmente, em acordo com o governo e a direção da empresa, deu uma coletiva à imprensa na sede da empresa dizendo que a greve tinha acabado. Tal "comunicado" foi difundido em emissoras de TV e de rádio do país, desmontando a paralisação. A revolta na base foi total.

Neste ano montou, junto com a empresa, a lista de sócios para as eleições do sindicato. Ao ver que a fraude pelas listas não garantiria sua vitória, a *Articulação* colocou centenas de "bate-paus" no local das urnas, expulsando fiscais das outras chapas e alterando os votos para ganhar "na marra".

No funcionalismo, a CUT vem impondo "negociações" isoladas por categoria e rebaixadas, ao gosto do governo. Não esconde que defende o fim a CNESF (que unifica a luta do funcionalismo) e a construção de um ramo orgânico do funcionalismo "cutista", que lhe permita impor o "sindicalismo de resultados" ou "propositivo". Ou, melhor, pelego e neoliberal.

FOTO MATHEUS BIRKUIT

A CUT E O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO AO CAPITALISMO

O PROCESSO de adaptação da CUT abre o debate sobre a necessidade de construção de nova direção para o movimento

TEONES FRANÇA*, especial ao Opinião Socialista

Na segunda metade do século XIX, Marx afirmava que "*os sindicatos atuam com utilidade como centros de resistência às usurpações do capital*", mas deixam de atingir esse objetivo "*quando se limitam a uma guerra de escaramuças contra os efeitos do regime existente, em vez de trabalharem, ao mesmo tempo, para a sua transformação*". Entretanto, é inegável que ao longo do século XX o sindicalismo nos países desenvolvidos adotou, em geral, apenas a luta contra os efeitos do capitalismo em uma perspectiva reformista e dentro dos limites do *possível* ou do *aceitável* para o capital.

É nesse contexto que analisamos o processo de institucionalização da CUT a partir de fins dos anos 80, com o desenvolvimento de crescente relação com o Estado brasileiro, apresentando ações e propostas que visam ao imediato e o que seja *possível* dentro das fronteiras do capital.

Essa mudança na postura cutista não é uma interrupção de sua trajetória socialista – já que esta não era a intenção da maioria da cúpula dirigente da Central. É apenas a continuidade da perspectiva liberal que permeava sua existência desde as origens. Por exemplo, a defesa intransigente do fim do arbítrio do Estado nas relações capital-trabalho.

A unidade para lutar, entre a Articulação e setores da esquerda da CUT, era possível por ser uma luta contra um Estado ditatorial, mas não mais contra um Estado que acenava para a "*redemocratização*" e medidas liberalizantes, como vimos a partir de 1985. Já em 1991, o então presidente da CUT, Jair Meneguelli, afirmava: "*o lucro é legítimo dentro do capitalismo*", e completava: "*sem ele, a empresa não se mantém, não investe, não gera empregos*".

O ABRAÇO À INSTITUCIONALIDADE

Dessa forma, bastou o Estado brasileiro – burguês e capitalista, mas já nem tanto autoritário – acenar com algumas parcerias para que a Central abraçasse a institucionalidade. Foi assim no "*entendimento*" com Collor, no acordo das montadoras no ABC paulista e nas negociações com o governo FHC em torno da reforma da Previdência.

O processo de burocratização imposto pela direção majoritária da CUT, a *Articulação*, ao longo dos anos 90, levou a Central à vergonhosa dependência financeira do Estado, e não mais dos sindicatos. As verbas do FAT, que saem anualmente das torneiras do governo federal, chegaram aos cofres da CUT: R$ 3 milhões, em 1998 e mais de R$ 35 milhões, em 2000. Em 1999, cerca de 40% dos recursos arrecadados pela Central vinham do FAT. Sob o argumento de que é "dinheiro do trabalhador", a CUT utiliza essa verba, em grande medida, nos cursos de "requalificação profissional". Não é coincidência o vínculo dessa política com o argumento burguês que culpabiliza o trabalhador pelo desemprego.

Ao contrário do Estado militar que impedia as eleições sindicais, prendia e cassava sindicalistas, o Estado brasileiro, desde o final dos anos 80, concedeu maior liberdade para o movimento sindical e forneceu um caixa mais polpudo que o próprio imposto sindical. Dessa maneira, para que romper com o *status quo*?

O sindicalismo cutista, então, atrelou-se mais ao governo, sob os argumentos da solidariedade, da cidadania, da construção da contra-hegemonia no seio da sociedade civil.

Após a posse de Lula, o processo de institucionalização acelerou-se a um ritmo de Fórmula 1. A participação de sindicalistas no Conselho de Desenvolvimento Social e no Fórum Nacional do Trabalho demonstra isso. Assim como a postura acrítica diante das reformas neoliberais aplicadas pelo governo.

No entanto, é importante reafirmar que a trajetória cutista pelas vias institucionais teve início mais de quinze anos antes da posse de Lula. Sendo assim, é possível defendermos a tese de que, hoje, sem dúvida, há uma relação simbiótica entre a CUT e o capitalismo brasileiro.

É desnecessário afirmar, por fim, que a CUT cumpriu um papel extremamente positivo na história da classe trabalhadora brasileira por ter sido a primeira Central Sindical que se consolidou efetivamente no país e, especialmente nos anos 80, por ter contribuído para a reorganização do sindicalismo no Brasil.

Mas, diante da conjuntura observada a partir dos anos 90, fica patente a urgência de novos debates sobre a reorganização do movimento sindical (como os Conclats do início de 80), que defendam a necessidade de um sindicalismo preocupado com a transformação do sistema capitalista, assim como Marx defendia nos idos do século XIX.

* *Teones França é doutorando em História pela UFF*

GREVE DE 1979. FOTO JESUS CARLOS / IMAGEMLATINA

COM LULA, A CUT É GOVERNO

Com a vitória de Lula, a CUT dá um salto de qualidade em suas relações com o governo e a classe empresarial do país. Os principais dirigentes da CUT assumem cargos no governo. São 45 líderes sindicais em altos postos governamentais. Dois exemplos importantes dessa nova fase da Central é o do ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e ex-presidente da CUT, Jair Meneguelli, que hoje ocupa o cargo de presidente do Conselho do Serviço Social da Indústria (Sesi), com um salário de R$ 19,4 mil. O outro é João Vaccari Netto, ex-presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo e secretário de Relações Internacionais da CUT Nacional, que participa do Conselho de Administração da Itaipu, recebendo um jetom de R$ 7,8 mil para participar de uma reunião por mês.

HARMONIA COM OS EMPRESÁRIOS

Luiz Marinho e Vicentinho, são garotos-propaganda de uma Universidade paga de São Paulo. A Central fez o seu 1° de maio em 2004 bancado pela Bovespa e pelo

CUT e Bradesco juntos para ofere
ao trabalhador
o Empréstimo

Santander, além de muitas outras empresas. E para coroar, assinou um acordo com os banqueiros sobre empréstimos em folha de pagamento, ou seja, a Central entregou aos tubarões do sistema financeiro o salário do trabalhador.

REFORMA DA PREVIDÊNCIA: NOVA RELAÇÃO COM O CAPITALISMO

Com a privatização da Previdência, os sindicatos e as centrais sindicais, aliados aos banqueiros, vão poder ter os seus Fundos de Pensão. Estima-se que R$ 50 bilhões passarão para os cofres desses fundos. Leia-se: mercado financeiro. É a CUT passando por uma nova fase: do "sindicalismo cidadão" ao "sindicalismo de negócios".

ROMPER COM A CUT OU "FORTALECER A CUT"?

EDUARDO ALMEIDA, da redação

A CUT, hoje, é um braço do governo no movimento sindical brasileiro, e está submetida ao Estado burguês, aos seus cargos e às suas verbas.

Chegou a hora de romper com a CUT. Chegou a hora de criar uma nova alternativa de direção que lute pelos interesses dos trabalhadores e pela independência dos sindicatos diante do Estado. Ou seja, é hora de lutar para garantir as mesmas bandeiras com as quais a CUT foi criada.

A ruptura já começou. Trabalhadores se afastam do governo Lula e identificam a CUT como representante dele. Muitos sindicatos, principalmente do funcionalismo público, já pararam de pagar a Central ou se desfiliaram.

Contudo, essa não é a opinião do grupo *Fortalecer a CUT*, formado pela *Articulação de Esquerda* (AE), *Fórum do Interior*, *Força Socialista* e *O Trabalho*.

Esse grupo está convocando um Encontro Nacional, em agosto, dos que estão contra a reforma Sindical e contra a divisão da CUT. Na convocatória desse encontro, consta a afirmação: "*Na nossa concepção, a CUT são os 50 mil dirigentes sindicais dos mais de 3 mil sindicatos filiados e os trabalhadores por eles representados, que estão chamados a se posicionar sobre essa reforma Sindical e, ao fazê-lo, estamos certos, defenderão as bandeiras históricas de nossa Central contra o que foi pactuado entre os patrões, as cúpulas das Centrais e o governo no FNT (Fórum Nacional do Trabalho)*".

A RUPTURA NÃO É DIVISIONISTA

Para os companheiros basta chamar os sindicatos da base da CUT a se posicionar contra a reforma, que, por dentro dos organismos da Central, ocorrerá a mudança de posição. Eles estão "certos" de que a luta, restrita aos organismos da CUT, conseguirá mudar a posição da Central. Por esse motivo, eles investem furiosamente contra os "divisionistas": "*Entretanto, desde que se iniciou o debate sobre a reforma Sindical, há setores que, confundindo a eventual maioria de sua direção com o conjunto da Central, decretam que a CUT 'não está mais em disputa' e jogam na divisão da Central, criando Coordenações (Conlutas e Celutas) como 'direções alternativas', avançando em Congressos sindicais propostas de 'desfiliação da CUT'*".

Fortalecer a CUT deve rever suas posições

Essa argumentação não tem nada a ver com a realidade. A CUT está atada por amplos laços materiais ao aparelho de Estado e ao governo Lula. O que está em jogo não é a força dos argumentos para vencer uma discussão, mas as vantagens materiais de uma burocracia. Não se pode convencer uma burocracia a abandonar seus privilégios e a CUT está completamente burocratizada.

Os companheiros fazem uma separação entre a direção e a Central como um todo, como se os organismos da CUT não estivessem todos burocratizados e submetidos à direção. Hoje, a Articulação ganharia qualquer Congresso ou plenária nacional para discutir as reformas Sindical e Trabalhista, utilizando os mesmos recursos materiais do Estado burguês. Os companheiros sabem que não estão falando a verdade, quando dizem estar "certos" de que podem ganhar a discussão sobre a reforma Sindical nos organismos cutistas.

CHEGOU A HORA DE UMA NOVA DIREÇÃO

A polêmica tem de ser feita no terreno correto: Qual é a melhor maneira de lutar contra as reformas e o plano econômico do governo? Se a luta for no interior dos organismos da CUT, ao nosso ver estará condenada ao fracasso, devido à burocratização da Central. Caso a resistência seja sem unificação do movimento e não estiver ligada aos trabalhadores, também estará derrotada de antemão. A única possibilidade é buscar a unidade dos que querem lutar por uma nova alternativa de direção, que está sendo construída pela Conlutas.

Os companheiros precisam refletir, pois podem terminar sendo ponto de apoio para a direção da CUT. É hora de recordar o que ocorreu na década de 80, quando um setor da esquerda, o PC e o PCdoB, defenderam os velhos pelegos contra o nascimento da CUT. Eles permaneceram por anos e anos atacando violentamente a CUT como "divisionista" e foram muito úteis para os pelegos, por usarem uma linguagem de esquerda.

FOTO ALEX LEME

Para mostrar como isso realmente pode ocorrer, vejamos o que aconteceu na preparação do dia 16 de junho, a maior mobilização contra o governo e sua reforma Sindical-trabalhista neste ano. O que fez o grupo *Fortalecer a CUT*? Dedicou-se, com todas as forças, a boicotar o ato da Conlutas em Brasília, ou seja, tentou impedir a mobilização dos trabalhadores. Tal postura, independentemente da vontade desses companheiros, significa fortalecer a direção da CUT e o governo.

A ruptura com a CUT é uma atitude necessária dos sindicatos que querem lutar contra o arrocho salarial, contra o desemprego e contra as reformas Sindical e Trabalhista. Essa discussão deve ser iniciada em todo o país, em todos os sindicatos. Trata-se de uma discussão que levará alguns anos, assim como foram os debates que levaram ao nascimento da CUT.

Os companheiros do *Fortalecer a CUT* devem, em seu Encontro Nacional, rever suas posições e se somar aos que estão defendendo a ruptura com a CUT, integrando-se à Coordenação Nacional de Lutas (Conlutas).

ZÉ MARIA: "ESTÁ SURGINDO UMA NOVA ALTERNATIVA DE LUTAS NO BRASIL"

O OPINIÃO SOCIALISTA ENTREVISTOU O DIRIGENTE DA EXECUTIVA NACIONAL DA CUT, JOSÉ MARIA DE ALMEIDA, O ZÉ MARIA, SOBRE A CRIAÇÃO E AS PERSPECTIVAS DA CONLUTAS, DIANTE DAS LUTAS DOS TRABALHADORES BRASILEIROS

FOTO WLADIMIR SOUZA

Zé Maria na manifestação do dia 16 em Brasília

OS – Como e por que surgiu a Conlutas?

Zé Maria – A Conlutas foi um desdobramento do Encontro Nacional Sindical contra as reformas Sindical e Trabalhista, realizado nos dias 14 e 15 de março deste ano, em Luiziânia (GO). Esse encontro reuniu cerca de 1.800 sindicalistas e ativistas de quase 300 entidades de todo o país. Os debates realizados mostraram a urgência de se travar um duro combate contra a aprovação das reformas Sindical e Trabalhista, e também a importância de vinculá-lo às lutas contra as demais reformas neoliberais e o modelo econômico aplicado pelo governo Lula. Quanto ao combate ao modelo econômico, entendemos que é necessário repudiar o pagamento das dívidas externa e interna, os acordos com o FMI e a implantação da Alca. O encontro decidiu também incorporar as bandeiras de setores que lutam por moradia, reforma agrária etc. A Coordenação foi aprovada com o objetivo de unificar e impulsionar essas mobilizações, uma vez que são mobilizações nacionais. A realização da manifestação em Brasília, dia 16 de junho, mostrou como a existência da Coordenação possibilita a unificação das entidades em torno das lutas. Acredito que a Conlutas é um embrião de uma alternativa para as lutas dos trabalhadores, e serão as entidades e movimentos que a compõem que vão definir que alternativa é essa que estamos construindo. Esse é um debate que só agora está se iniciando nas entidades.

De que maneira vem ocorrendo o processo de ruptura do movimento com a CUT?

Zé Maria – A CUT deveria ser o espaço para unificar e impulsionar as lutas dos trabalhadores brasileiros, mas já não é mais, devido ao seu apoio às políticas do governo. Portanto, a ruptura com a CUT é, em primeiro lugar, política, em conseqüência do descontentamento generalizado com o governo Lula e com a ausência de respostas da Central. Para algumas entidades há a constituição de relações econômicas entre a CUT e o governo e esse é um processo sem volta. Daí as desfiliações ou a abertura de debates nas bases sobre o tema. No entanto, não há uma relação direta entre essas rupturas e a Conlutas. Até porque, há na Coordenação entidades que não pretendem sair da CUT. Ao mesmo tempo, a Federação Democrática dos Metalúrgicos de Minas Gerais, junto com diversos sindicatos de Santa Catarina, lançou um manifesto chamando as bases dos sindicatos para discutir a ruptura com a CUT e o fortalecimento da Conlutas.

> "A Conlutas é um embrião de uma alternativa para as lutas dos trabalhadores"

Vamos respeitar o ritmo dos debates em cada entidade e no movimento. Podem participar da Coordenação entidades que estejam e que queiram ficar na CUT, que estejam saindo ou que já tenham saído da CUT, e mesmo entidades que nunca foram da CUT, mas querem lutar em defesa das mesmas bandeiras. A Conlutas não é, portanto, uma nova Central Sindical. Como essa situação vai se desenvolver, de que forma essa alternativa será definida e qual a relação que terá com a CUT são questões que as entidades que compõem a Coordenação deverão discutir e definir no futuro.

A Conlutas vai realizar um encontro nacional em Porto Alegre, no FSM. Qual o objetivo do encontro?

Zé Maria – Neste segundo semestre vamos continuar a luta contra as reformas do governo e participaremos de todas as lutas que estiverem acontecendo, sejam populares, como a rebelião em Florianópolis, sejam campanhas salariais etc. No final de outubro, e em novembro, pretendemos realizar encontros estaduais e regionais preparatórios ao Nacional. A pauta desses encontros será o calendário de lutas e o debate sobre essa alternativa que estamos construindo.

No Encontro Nacional pretendemos reunir 5 ou 6 mil pessoas. Queremos reunir entidades sindicais, movimentos populares, sociais, organizações estudantis etc. Neste momento, não temos clareza de até onde avançaremos nesse encontro sobre as definições da Conlutas. Tudo dependerá do desenvolvimento dos debates nas entidades e nos encontros estaduais.

A IMPORTÂNCIA DA CONLUTAS

DIRIGENTES DO MOVIMENTO DECLARAM PORQUE SUAS ENTIDADES PARTICIPAM DA CONLUTAS

"A construção de uma alternativa de organização e direção é necessária para que possamos colocar as mobilizaçãoes num patamar superior ao que foi construído até agora. Sem abrir mão de um sindicalismo classista e de luta para derrotar a política neoliberal, contribuindo para a construção de uma nova sociedade".

ANTÔNIO LUÍS DE ANDRADE "TATO", diretor da Associação dos Docentes da Unesp

"A ruptura com a CUT é necessária porque a Central se transformou, hoje, numa entidade de burocratizada, sem chances de reversão. Temos de romper com a CUT para construir um outro instrumento que possa, de fato, representar os servidores públicos e a classe trabalhadora. A CUT já não fala em nosso nome".

WILLIAM NASCIMENTO, Coordenador Geral do Sinasefe

"A CUT foi criada em 1983, norteada por princípios classistas, de massas, organizada pela base, autônoma em relação a quaisquer amarras institucionais (...). Agora, preparando a reforma Sindical, fora outras reformas, o chão está riscado e não tem mais volta. Urgente se faz que todas as entidades filiadas, que defendem os princípios originais, comecem a discutir esse vínculo. Ou estarão compactuando com a defesa das reformas neoliberais do governo".

Mª MARGARIDA SAMPAIO, diretora do Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis e Região.

"A CUT já deixou de cumprir o seu papel e, com o governo Lula, defende uma política contra a classe trabalhadora. Por isso, surgiu a Conlutas, uma alternativa de luta contra as reformas. Com o segundo Encontro Nacional marcado para o FSM de 2005, a Conlutas vai consolidar essa alternativa".

IRANILSON BRASIL, diretor da Unafisco Sindical